

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA



Quando não somos mais

Vanessa Maranhã



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Arminio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Preparação e Revisão de Texto | Fernanda Scopel Falcão
Projeto Gráfico | Gabriel Lança Morozeski, Pedro Godoy
Diagramação | Pedro Godoy
Capa e Ilustração de Capa | Gabriel Lança Morozeski

II Prêmio Ufes de Literatura 2013-2014

Comissão Organizadora | Fernanda Scopel Falcão, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora das categorias Livro de poemas e Coletânea de poemas | Lucas dos Passos, Marcelo Paiva de Souza, Marcus Vinicius de Freitas, Paulo Roberto Sodré

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C672q Coelho, Vanessa de Oliveira Maranhã, 1972-
Quando não somos mais [recurso eletrônico] / Vanessa Maranhã. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.
86 p. - (Coleção II Prêmio Ufes de Literatura ; 2)

ISBN: 978-85-7772-296-9
Também publicado em formato impresso.
Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/?locale=pt_BR>

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-3

II PRÊMIO UFES DE LITERATURA

Quando não somos mais

Vanessa Maranhã



EDUFES

VITÓRIA, 2015

Apresentação

Apresentação

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje extinta. As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Edufes com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, e de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades *Autor* e *Antologia*. As categorias autorais foram: Livro de poemas; Livro de contos e/ou crônicas; Livro de romance; e Livro de literatura infantil/infantojuvenil. Para a modalidade *Antologia*, as categorias Coletânea de poemas e Coletânea de contos e/ou crônicas.

Os vencedores foram selecionados entre os 223 candidatos que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por dezesseis especialistas divididos em quatro comissões. Entre os vinte e cinco vencedores do prêmio estão escritores do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Nesta edição, 6 livros são publicados, de acordo com cada modalidade/categoria: um livro de poemas autorais; um livro de contos & crônicas autorais; um romance autorais, um livro de literatura infantojuvenil autorais, além das coletâneas, que contemplaram, cada uma, os textos de dez autores premiados. Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

Premiados

Premiados

Modalidade Autor

Livro de poemas: *Com dias cantados*, de Israel Francisco do Rozário (ES)

Livro de contos e/ou crônicas: *Quando não somos mais*, de Vanessa de Oliveira Maranhã Coelho (SP)

Livro de romance: *A paz dos vagabundos*, de João Chagas Ligeiro Albani (ES)

Livro de literatura infantil/infanto-juvenil: *Pense melhor antes de pensar*, de Renata Regina Dembogurski Machado (PR).

Obs.: O escritor Vitor Bourguignon Vogas (ES) também teve o livro Irmãos de Leite selecionado nesta categoria, em que houve um empate técnico. No entanto, posteriormente, informou que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.

Modalidade Antologia

Coletânea de poemas:

“5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples”, de Lino Machado (ES);

“ensaio para sair de casa”, de Carina de Lima Carvalho (SP);

“Não deixamos sementes”, de Rafael Luis Zen (SC);

“Antologia”, de Felipe Garcia de Medeiros (MA);

“Casca, cascos, caos”, de Marco Antonio Queiroz Silva (SP);

“Sem fôlego”; “Nouvelle vague”; “Bazar & memória”; “Festim do Jardim”, de Adriano Apocalypse de Almeida Cirino (MG);

“Baldio”, de Tauã Valle Pinheiro (PE)

Obs.: O escritor Tauã Valle Pinheiro informou, posteriormente, que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.)

“O espanto e o impulso”, de Carlos Nathan Sousa Soares (PI);
“Soja Santarém”; “Assalto ao Chile”, de Edvaldo Fernando Costa
(Fernando Nicarágua) (SP);
“Todas as janelas da casa estão meio abertas”; “Num domingo nu-
blado de outono”; “Dum poema escrito num apartamento qual-
quer”; “Janelas”; “Transitivo”; “Deixa a palavra escorregar”; “Deixa
a palavra escorregar II”; “Dia sem luz/casa caiada”; “O Amor é po-
esia física”; “Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por
comer)”, de José Vander Vieira do Nascimento (ES).

Coletânea de contos e/ou crônicas:

Cabeceira do aventureiro - Mauro Leite Teixeira (ES);
Vestígios - Marcelo Henrique Marques de Souza (RJ);
A árvore - Rafael Vieira da Cal (RJ);
Historinhas do cotidiano - Liana Rita Gonzáles (ES);
A grande pergunta e outras histórias - Maria Aparecida Sanches
Coquemala (SP);
Os que veem profundo - Hugo Augusto Souza Estanislau (ES);
Quem ri por último, ri melhor; Touchè Du Thanathos; Cotidiano
em três cenas; Lições - José Ronaldo Siqueira Mendes (RJ);
A partida - Jessica Barcellos Bastos (ES);
Anonimatos; Histórias daqui e dali - Miriam da Silva Cavalcanti (ES);
Solitudes - Eduardo Selga da Silva (ES).

Aproveitamos este espaço para mais uma vez agradecer a
colaboração dos membros das comissões julgadoras, parabenizar
os inscritos, especialmente os contemplados com o Prêmio, e dese-
jar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do II Prêmio Ufes de Literatura

Comissão

Comissão

Membros da **Comissão Organizadora**: Fernanda Scopel Falcão (Edufes), Orlando Lopes Albertino (PPGL/Ufes), Ruth de Cássia dos Reis (Supecc), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de poemas e Coletânea de poemas***: Lucas dos Passos (Ifes), Marcelo Paiva de Souza (UFPR), Marcus Vinicius de Freitas (UFMG), Paulo Roberto Sodré (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de contos e/ou crônicas e Coletânea de contos e/ou crônicas***: Anne de Souza Ventura (Universidade do Minho - Portugal), Mara Coradello (escritora), Renata Bomfim (AFESL), Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de romance***: Camila David Dalvi (Ifes), Luís Eustáquio Soares (Ufes), Nelson Martinelli Filho (escritor), Saulo Ribeiro (editor e escritor)

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de literatura infantil/infanto-juvenil***: Adriana Falqueto Lemos (escritora), Andreia Delmaschio (Ifes), Karina de Rezende Tavares Fleury (AFESL), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Sumário

Sumário

- 13 | Amor algum
- 17 | Desviver
- 21 | Tel Aviv
- 25 | *Quatuor*
- 29 | *Spleen*
- 35 | *Moderato Cantabile*
- 39 | Quando não somos mais
- 43 | Joel
- 47 | As noites de Ilana
- 51 | O rosto de Estêvão
- 57 | Sem fim
- 61 | Duas
- 65 | Fábula
- 69 | *La Blanche*
- 73 | Pecado
- 77 | O sonho que não fomos
- 81 | Réquiem

Este é um livro sobre o amor na indiscrição das suas formas. Do que deixamos de ser ou quando não somos bastantes. Páginas de amores urbanos inventados; o amor agonizante; o amor entre iguais; os amores vazios; os amores tóxicos sombreados pela melancolia, anverso da alegria escandalosa que o grande amor traz em si.

Amor algum

Amor algum

Antemanhã diluindo a densidade da madrugada, Felipe deslizou lençol adentro às carnes amplas de Marice, que dormia fundo, relaxada das batalhas ganhas em sonhos.

As mãos frias do orvalho da rua tocaram a extensa planície da mulher que então, semiacordada, o soube ali, um fugitivo, o desgarrado do caminho à casa e à esposa. Assim o sentido: Marice, a sua mulher; Cláudia, a esposa; e nesse entremeio, Felipe vivia, submerso pelas regras e ordenações de Cláudia, escapulindo à alegria leve, ausência de cobranças em Marice, que, feliz à assiduidade do homem, aquiescia sempre.

Ele a garimpara aos quesitos gorda-desimpedida. Outra condição era a de que sorrisse à vida. Mas a cláusula secreta a essa atração por mulheres fora do padrão, expandidas em peso, era que secundariamente lhe seriam gratas por terem sido escolhidas; elas, em geral, relegadas pela maioria que busca nas mulheres-padrão a afirmação daquilo que desejam ser ou aparentar ao mundo.

“Perfeito assim, linda. Eu te dou o meu passado e você me oferece o seu futuro, esse que eu não tenho todo mais”, assim ele se propusera a ela.

O acordo também trazia o adendo de ele mais velho, Marice, bem mais nova. Como se fossem lineares as coisas do coração, como se pudéssemos, nesses limites, estabelecer contratos de linhas tão retas e claras.

Felipe, belo e apadronado, desviava-se, contudo, de tal maioria, numa ojeriza pelo vigente e se encantava pela Marice das excessivas peles. Estava certo de que abandonaria qualquer oficialidade pelo bom do viver, sexo e risadas, mas, como ninguém pode seguir ingênuo ao arrefecimento da paixão de início, entendeu que ausência de demandas é algo inexistente entre os seres. Em Marice, tais demandas, de natureza muito sutil, iam por uma voracidade

muda, pelos tentáculos da sua exagerada gentileza, pelas armadilhas da sua alegria sem fim, no conjunto, tão viciante quanto a mais abjeta das drogas.

Marice, tão habituada a receber negativas, desenvolvera a habilidade de criar reservas; a corporeidade era a mais evidente delas, de modo que não esboçava reações comuns às frustrações, e a ela, portanto, Felipe mais e mais se aprisionava, no relance da vida abundante.

Cafés da manhã régios, Marice sempre amanhecia na cozinha para negar a tristeza da vida sem as ocasionalidades festivas dos pães-de-ló, suflês, musses, doçuras.

Auxílio nas resoluções práticas da profissão, absolutamente solícita ao Felipe, ouvidos sempre a postos ao que quer que ele trouxesse. Em seu corpo extenso ele entrava e se aninhava, quando quisesse; de Marice, sabia, não sairia nunca mais, mesmo que a esposa Cláudia, muito magra-padrão, ao contrário, expressão de inanição, nenhum cuidado, houvesse descoberto o caso e se esgueirasse em monitoramentos ao Felipe que, à Marice, sempre dava um jeito de deslizar.

Mas a amante vivia também, em silêncio, a outra extremidade: com medo de dormir, com medo de acordar. Que sonhos obscuros a abraçariam sem volta? Que dias vazios e longos a aguardariam? Havia o recurso do meio: a embriaguez para conseguir continuar vivendo nesses dias em que ele surgia todo e a remetia ao inferno porque, sim, ela queria mais e nisso se prenderia, sem aproveitar a esmola que ele jogava e que era justamente esse tempo angustiado, sem vivência presente.

Extenuado do embate ao desregramento que ela simbolizava, ele se despediria, o ar quase satisfeito, levemente acuado, mas aliviado, de quem tem para onde voltar, lugar decerto melhor, ao menos após a circunstância ao seu lado: a morna segurança já sem palavras, flácida rotina com esposa que não tinha mais fôlego para reivindicar nada além.

À profusão de oásis numa, quase se afogava. À secura desértica da outra, tornava-se sedento e aos limites se gradava: dos estereótipos da falta ao regalo absoluto. O que o intrigava era que Marice se recusasse ao casamento desejando-o assim mesmo, numa juntividade intercalada. Ou talvez somente dissesse não querer compromisso como prevenção à expectativa e posterior escusa?

Verdade é que como um rato Felipe se esgueirava e se estendia por esses dois mundos: o excesso numa, aridez na outra. Delicadas insistência e sedução em Marice; o inalcançável em Cláudia, que sequer as suas roupas se dispunha a guardar nas gavetas.

Em Cláudia, era estarem juntos para tudo nela doer, mudamente, sem tradução. Encontro que não acontecia sempre. Amantes que então se desdobravam esporádicos, ele a procurava quando podia e assim ela aceitava, porque, nos intervalos das suas idas e vindas, somente nesse ponto, podia ser feliz, mais leve. O que, disse-cando a questão, significava estar longe. Juntos, o inferno na antecipação em pensá-lo brevemente distante, suscitado pela perspectiva de não se saber quista novamente, daí, sofrimento, sobretudo o da sorradeira saída da oficialidade para a periferia do coração de Felipe.

Noites mal dormidas, nenhum apetite nesses breves espaços de tempo em que sua vontade a tinha. A fissura do entorpecimento evaporado e já imediatamente ansiado – era exatamente o que Cláudia sentia – no primeiro momento de sua retirada; em sinceridade, não: antes. Logo mesmo na primeira comunicação de sua presença.

Passaria noites inteiras vigiando o monitor da câmera de segurança esperançosa de que num súbito arrependimento ou, mais improvável, numa intempestiva saudade ele voltasse e atravessasse sob o seu olhar atento a portaria do prédio e, definitivamente, se colocasse de novo inteiro na sua vida.

A noite passada em branco, no outro dia ela permaneceria em casa, recolhida, ainda levemente embriagada por sua lembrança e aos poucos se desintoxicaria. Abriria janelas, o vento forte desembaraçando-a dos pensamentos.

Erguer-se devagar: um banho quente, alguma ordenação na casa esquecida por sua presença, a volta ao trabalho, supermercado para reabastecer a geladeira vazia após esses loucos dias em que dele, só dele, se alimentara. A vida aos poucos se retomando até que de novo, numa repetição que parecia infinita, quase gasta, ele ressurgisse – seu sorriso bonito, sua pele morena quente, sua total incompreensão – e de novo ela se esquecesse de si para vivê-lo em toda a sua exuberante ausência mais uma vez.

Assim permaneceriam enlaçados até Cláudia, que sem o Felipe não podia mesmo, decidir-se pela radicalidade. É de mulhe-

res cheias assim que ele gosta? Pois, sim, inflarei. Muito resoluta mergulhou numa dieta nababesca que ele não percebeu, ocupado demais com os cálculos para os escapes e gozo das intensas acolhidas nos domínios de Marice. Semana a semana ganhava quilos, arredondando-se na novidade de preencher-se, ela que era toda a vacuidade em si.

Por esse tempo, Felipe, de férias, inventara viagens de prospecção de trabalho para exilar-se na casa de Marice. Quando já pelo final de dez dias muito sobrecarregados ele voltou para casa em busca do espaço em branco, encontrou Cláudia irreconhecível, mais corpulenta que aquela que deixara. Foi então tomado por um desespero paralisante, embora somente soubesse que duas iguais não sustentaria e que, debicando apenas aos oásis, se consumiria.

Pensou numa terceira via sempre possível, quem sabe a esquálida Júlia com quem estudava alemão: era de se ver a sua anoréxica ausência de fome! Nauseado, mesmo que encontrasse na nova Cláudia beleza fulgurante, correu ao banheiro com o celular na mão e, trêmulo, relatou o ocorrido à Marice, que muito calmamente engoliu todo o lamento, cada inflexão de tristeza e confusão, para sintetizá-los na decisão que vinha protelando havia muito tempo, empurrando-a, inclusive, literalmente, com a barriga, sem sequer formular a si mesma a ideia de que talvez um dia se possa amar simplesmente, menos sofrivelmente assim, nem tampouco que meio amor possa significar amor nenhum: calma, Felipe. Sem drama. Chegou a minha vez. Sigo amanhã a um *spa* e te dou em mim a Cláudia, de volta. Agora, vá ao mar se banhar, querido, ele hoje ruge manso.

Desviver

Desviver

Um galo muito fora de hora despertou João – o mundo ainda densamente mergulhado em tinta negra sem lua.

Sentiu o estalo das articulações gastas, a carne frágil demais para o excesso de passado em pontadas, intensos vendavais fora-dentro, ele se levantava e seguia diligente às obrigações que lhe davam com o que se segurar vivo. Renascer todos os dias: uma nossa questão, pensava, a toda manhã rompida.

Tempestades que eram mais insuportáveis na mocidade, quando, a cada trimestre, lhe sobrevinham insatisfações para mudança de emprego às quais não podia ceder porque a mulher Sara somente à linha reta se equilibrava, não se inteirava aos imprevistos. Os furores ele daí engolia e ela desaparecia-se do áspero que entalava a garganta do marido. Hoje, chuvas e neblagem, somente.

Aqui, agora, ele via alívio em reencontrar todos os dias as coisas desenhadas e habituadas, já afeito ao retão da vida que a mulher lá atrás lhe propusera e ele acatara, fechando fora de si a porta para dentro do que se chama lar, mesmo que levemente sobressaltado pelo grão de ódio que carrega todo gesto de protocolo.

João enfim entrava em casa e, à desaceleração, sentia a vida doer em reumatismo agudo pelos braços e pernas; outras dores dentro, inominadas, sobrevinham e às quais não se movimentava mais tão vivo quanto ao correr do dia. Uma muito discreta perplexidade escondia também ele, que não realizara nenhuma grande virada, tampouco outra moldagem – invariavelmente assim, cravado no mesmo que sempre fora e estivera.

A mulher, Sara, como um fóssil se plasmara sem qualquer relevo à paisagem doméstica, já uma sua engrenagem, e havia muitos anos nem se falavam mais. Olhares codificados para, no máximo do audível, certos grunhidos bastarem à sua comunicação porque

pouco, quase nada, havia a ser dito. Naquele domado a Sara ao mínimo sobrevivia, muito entrada em si no provimento que afinal construía à espécie de uma autofagia imaginária.

Algo de muito extremo viviam esses João e Sara, tementes, velhos fora do tempo, embora cada qual guardasse no porão escuro e silencioso da compostura familiar as suas vidas não vividas. Começava ele pelas ardências que por trinta anos trocara com a vizinha viúva, vários gatos volteando os corpos unguídos do suor dos seus embates. Ia ainda pelo João que cometia pequenos delitos; o do sinal vermelho apressadamente ultrapassado; o do desperdício de água no banheiro da empresa onde trabalhava, para trazer custos anônimos ao patrão, na sua menos-valia. Mas, era entrar em casa todas as noites para re-vestir-se do cotidiano muito ordenado, em suma, a vida besta, e ali se perder, no negativo de alguma orgia imaginária.

Sara também tangenciava vidas que iam ao largo, muito desejosa, entoava cânticos vivazes ao ponto do histriônico; punia o marido com assaltos à sua carteira que pagassem cada mau trato; sorria muito largamente ao dono da padaria; furava filas nos caixas com *expertise* de poucos; escondia chocolates e latas de biscoito para que a diarista ali não ousasse se fartar. Ninguém conhecia essa faceta de Sara, tampouco a da mãe iníqua que às entranhas da casa se revelava aos filhos pequenos: espancamentos muito pontuais e que engolissem o choro, para que mais ela não se exasperasse ao ponto da tirania incontrolável.

Àquela infância as suas crianças se calaram aprisionadas até que dela, infernal pequenez, puderam, maiores, escapar. João, tão alienado e mergulhado por esse tempo andara no entremeio das suas aventureiras não vivências, que não mensurava a extensão das vilanias da mulher redesenhada nas rezas e nos bolos confeitados, vestidos floridos, febres malsãs. Ele, ainda nessa época, um fã desbragado do futebol, conhecedor de todos os gols e pênaltis importantes da história futebolística, gostava de repetir frases de efeito do Nelson Rodrigues sem talvez compreendê-las plenamente: “quem nega Garrincha tem a aridez de três desertos!”

Houve o tempo em que Sara perseverou obsessivamente nas caridades e, para bem mais além da filantropia, começou a preencher, em desfalque, gordos cheques ao dízimo da igreja, o exagero na doação como medida de camuflar o seu oposto, obscurecer ao manto de piedosas intenções o degredo em casa, aos seus, gerados

da própria carne, para aprender mais vivamente qualquer coisa sobre a bondade e, melhor informada sobre a tal, demonstrá-la aos “Oh!” e “Ah!” de uma plateia que lhe trazia o perdão para dentro.

Depois, passou aos encantos do computador com as suas redes sociais e, quase uma adolescente, gastava tardes inteiras perscrutando vidas alheias, e, desvendando conexões, redescobriu as palavras com um israelense por quem quase desvairou, já à borda do tempo que ainda lhe restava para arroubos. Mas não seguiu adiante; retomou-se à sua própria originalidade tão logo o fogo da paixão virtual se mostrou fátuo, ela então de volta a si, dura e extrema, emitindo pareceres e pitacos solenes às postagens incômodas, seguiu o apostolado da vigilância à conformidade do mundo.

Chegaram assim aqui, velhos, bem desconhecidos. João se fiando na mulher Sara das constâncias e do hábito; Sara escorada no João das lutas persistentes, afinal, um provedor a quem devesse aceder mesmo quando as palavras passaram a desabitar a brancura das suas vidas desvividas, ao semblante de recato e certezas da tradição. Sinceramente não compreendiam por quais razões os seus filhos não os visitavam mais, desconhecendo-lhes, inclusive, o paradeiro.

Também em seu sistema não entendiam a inexistência das possibilidades sorrateiras por trás da oficialidade: o roubo de energia elétrica do vizinho; a sabotagem às eleições da coordenadoria da Pastoral; a subtração de latas de óleo doadas à quermesse beneficente que coordenavam; a garrafa plástica displicentemente atirada à rua, porque se enquadravam acima e além, naturalmente, dos bobos todos sem necessidade de dizer isso um ao outro para tacitamente se colocarem em acordo.

Braços que mal se tocavam seguiam à missa do domingo e, ombros curvos de humildade, estendiam as mãos em concha à comunhão, extenuados e limpos das tantas outras vidas roçadas.

Tel Aviv

Tel Aviv

Aquele olhar retumbando vaga tristeza. O manso desespero do corpo em resignação, alguma flacidez.

Era ele materializado em pixels num anexo. A foto do homem casado que por escrito muito me dizia querer, eu casada também, nós nos conhecemos pelas vias digitais. Palavras lindas, os dois perdidos nas madrugadas furtivas, ele me pressionando à realidade do encontro, eu escorregando para não dizer sim, nem não, segura pela distância oceânica São Paulo-Tel Aviv.

Mas havia a exaltação das conversas, por vezes intelectualizada, noutras íntima como nunca antes com alguém, tampouco com o marido, aliás, muito menos com este que aqui ao meu lado jaz em paz, nosso casamento, então, dormência. Quando foi que me perdi tão covardemente nessa armadilha almofadada?

Resflegando chego do supermercado esparramando sobre o balcão as compras que eu mesma fiz, as pernas doloridas, preparadas para a continuidade do turno às voltas com o jantar, as tarefas escolares, o marido de poucas resoluções, sempre na dependência da minha palavra.

Ele, sem a posse da palavra.

Eu, vingança involuntária, muito negativa aos gestos dele, marido. A casa já quieta, nenhuma demanda, é a minha hora. A de ser o que eu quiser, desenhar-me ao ritmo da fantasia aberta àquele que assim me quer ver. Não dormir para não ter de acordar atorroadada ao chegar do outro lado do túnel tempestuoso que sempre eram, para mim, as noites, nunca território de descanso.

A tela iluminada do computador, essa outra casa que eu tenho, me entra pelos olhos como se os perfurasse. Insisto, apesar do cansaço, e piso nesse meu mundo secreto à espera das mensagens

que o homem de Israel sempre envia, apesar do fuso horário, o sacrifício de estender-se madrugadas adentro.

Ambos momentaneamente esquecidos das nossas realidades pessoais, ilusão de completude, taquicardia e euforia como numa brevíssima retomada da adolescência, acobertando a realidade de sermos tão terrivelmente miseráveis, esgueirados, cada qual, atrás de sua tela de LED. Uma língua própria na tentativa de comunicação. Certo tom bíblico nas entradas do homem hebreu. Desnudo-me mais do que deveria e sei que a recusa à domesticidade me move à saída clandestina em direção ao desconhecido do outro lado do mundo, imersos, ambos, nesse revés de vida, buscando então a história outra num desenrolar de provocações, alguma sensualidade.

A noite avança e traz ressaca, dores de consciência, o grão de delírio nesse ato-não-ato, percebo-me não desperta, mas jogada no outro dia, retirada do contexto, pensamento solto sem encontrar seu fio de completude. Os quatro filhos dele, os três meus, na minha cabeça. A mulher invisível desse homem mais o meu marido só corpo presente, nove pessoas no nosso entorno.

O compromisso de todas as noites, a falta de sono, o inferno do querer outra verdade que não esta, sabendo que aquela se tornaria tão concreta e rotineira quanto esta, se eu enlouquecesse e me aventurasse no que não posso mais: quatro pessoas aqui, absolutamente dependentes da inteireza que vai me escapando, sonhando dias mais curtos, inexistindo entre os meus.

A pessoa enevoada por brumas, não há traçado nítido, o homem no deserto ocupando todas as células do meu corpo, na cadência da minha respiração. E que pode ser, todo ele, uma mentira, embora siga em gentileza aprendendo a minha língua para com ela me volatizar. Sua aparente melancolia me captura num desvelo irreal de salvá-lo a mim mesma. Vou e volto nesse desejo. O trabalho mal rende, alguns atropelos na desatenção. Aferroa-me a impressão de que ele pede mais do que eu possa oferecer. Sua grande fome sem nome. Tateamos reconhecimentos, afinidades encontradas, outras construídas pelo motor da vontade. O que não é, torna-se. Um longo e invisível véu de otimismo liga nossa distância.

Envia-me mensagens caudalosas a qualquer hora do dia como se nossas noites sem descanso não bastassem para nos retirar a compostura. O medo começa a me corroer com a ansiedade de receber as suas palavras. Aos poucos os aparelhos que dele me

aproximam se tornam onipresentes junto de mim e passam a ser o justo espaço de uma obsessão que eu própria criei.

Começo a sentir saudades da placidez dos dias comuns. Quero de volta o espírito livre de culpa, saudades do marido que, embora aqui comigo, há muito abandonei. Peço a minha realidade de volta, certa culpa cegando os motivos de ter me saturado dessa vida, sem saber se a possuirei toda novamente. De repente, tão melhor a secura previsível de antes que a confusão de agora.

Num ímpeto, o muro erguido pela culpa, porque tenho a vocação da prisão, como também me parece ser o fundo da sua natureza, bloqueio a possibilidade de receber mensagens do íntimo desconhecido. Algum alívio, com um toque de tecla, afasto perigos, apago uma história, deleteo uma pessoa, vou retomando a minha rotina de antes, as noites vazias e negras, nenhum sonho. Os dias como folhas saltadas de um caderno em branco, faltam-me agudamente as palavras com as quais por instantes eu me encontrava e tinha por fim, uma face, vaga, desejada.

Estou a meio termo. Imagino-o aflito, sem notícias, o silêncio posto, ambos atolados nas próprias agendas. Olho o meu marido cordato e a ternura que sinto se transfigura por um momento no ódio por sua bondade, ideia de que o servil não deixa de ser vil. Dou-me conta das escolhas, os homens a quem amei. No primeiro busquei poder. No segundo, espirituosidade, algum humor inconsequente. Desse ao meu lado eu quis o coração que não me abastece, contudo. Vivo em guerra dentro de mim ao pensá-lo assim: a falta que me faz exatamente o que eu não sei.

Dias nesse meu agreste de domesticidades e num repente, auge de madrugada lancinando em mim, volto atrás, retomo a clandestinidade, peço contato num revogar de tecla. Horas de silêncio, eu apalermada diante da tela à espera, ele me castiga, me maltrata com a sua ausência, assim como eu fizera, sem aviso, para aparecer então, muito depois, lacônico. Altivo. Fala desconexa. O seu muro já erguido.

Quatour

Quatour

Por muito que não se queira, ou que, sim, desconhecida-mente se deseje, é coisa que acontece todo dia em qualquer lugar, devastação sem prevenção, contrariando a ficção do infinito.

Tinha a sensação de que vivera uns cinco mil anos desde o fim do casamento até aqui, quarenta dias decorridos.

Na casa não existia mais vestígio daquele com quem compar-tilhara duas décadas. E não havia razão aparente a justificar o expur-go. Nenhum adultério flagrado e escandalosamente tratado, tampou-co grandes mágoas a justificar o desfecho. Apenas não queria mais?

Não. A questão não era tão simples ou leviana. Viver não se planifica, não elide de forma singela assim, entre negação e afirmação. Milhares de pequenezas, estalactites e estalagmites pa-cientemente esculpidas em desentendimentos e desencontros os trouxeram até aqui.

Ricardo, o marido, até tentara uns retornos sem viço, mas, como voltar, se era justamente a vitalidade sucumbida o que Adria-na reclamava, sem se traduzir claramente? Os anos juntos, história que não se rasga, não se queima nem se apaga – coisa, no entanto, que o papel aceita facilmente –, mas esses, os anos escritos ou fotografados, impressos em papel, foram encaixotados e arquivados bem longe da vista. Adriana respirava. Precisava recomeçar, mesmo sem saber de que ponto. E foi assim, no meio dessa solidão cavada, paz sobressaltada, que Fábio apareceu.

Levara o seu filho pequeno, Luca, à escola onde a Adria-na trabalhava. Encontros que sem razão pedagógica se estendiam cada vez mais em retornos frequentes até se embriagarem os dois numa paixão dessas que sequestram o fôlego e a compostura, pul-sação exorbitada – ainda que fosse ele casado e que Adriana co-nhecesse bem Flora, a esposa.

Mesmo que Ricardo se mantivesse no envio de flores desculpadas, nem ele sabia mais do que pedia mesmo perdão a Adriana, a mesma que o retirara de sua vida sem explicações que o convencessem? Também ela talvez não soubesse mais, nesse seu movimento de fechar um ciclo para imediatamente se inaugurar num novo ciclo que... (calculava?) fosse perigoso e vulcânico o bastante para fazê-la recuar e correr de volta ao terreno antigo, seu velho conhecido? Mas, quem é que, apaixonado, se sabe assim para maiores precauções?

Coisa que não se represa, senão com dor de autoflagelação, um tudo ou nada, ambos se queriam com a ânsia dos condenados. E não houve outro jeito que não tomarem-se, a salvo da pedagogia, bem longe de Luca, de Flora, Ricardo quase totalmente esquecido por Adriana. A sofreguidão do que já se conhece perecível, paixão fogo de um instante pela qual haverá, depois responsabilidade inquirida, auditada, mais por quem não a possui.

Ao contrário de Adriana e Ricardo, Fábio e Flora não viviam mal, não transparecia entre os dois o vácuo que apartara os primeiros. E era exatamente nisso que Fábio pensava agora, a caminho de casa, tentando dissecar o que não conseguira para se refrear, explicar o que não se reduz senão pela cessão ao impulso.

Curiosamente, não era culpa o que sombreava seu retorno, mas alívio: ora, voltava para casa! E estava vivo, mais do que nunca.

Adriana lavava-se na banheira de mármore que há anos deixara abandonada, e agora, o corpo jazendo naquele estado que vagueia entre sono-vigília-euforia, o cheiro de Fábio ainda em suas reentrâncias, sorriso bobo no rosto.

Quando estava voltando de Adriana e chegando ao quarteirão de sua casa, Fábio súbito deu meia-volta no carro e retornou a um ponto onde lembrava haver uma floricultura. De repente precisava oferecer flores à esposa, tanto quanto desejava enviá-las também a Adriana, pelas horas juntos em que lhe restaurara qualquer coisa há muito perdida ou, talvez, nunca encontrada: manter um liame com esta, assegurar-se com aquela não lhe parecia canalha, mas justo.

E Luca. O seu menino também merecia algo, um potinho de sorvete de chocolate, uma caixa com miniaturas de carros de corrida, que ele apanharia numa loja de conveniência adiante.

O percurso entre a floricultura e a loja de conveniência no posto de gasolina foi o que salvou, porém, Ricardo, que acabava de sair, sensação de desagravo, da casa, da cama de Fábio, onde estivera, sem paixão, com Flora, que se vestia, aliviada, sentindo-se estranhamente vingada sem saber de quê.

Spleen

Spleen

Como se quisesse pôr fim a tudo, ele fechava a festa com os dois amigos restantes. E o fazia cuspidando fogo, sobranceiras negras e cheias pouco acima dos cílios arqueados, olhando para eles: Fourier e Anna.

- Tá todo mundo detonado, anota aí, escreve aí nesse livro que você não finaliza nunca. Vamos lá! O papel aceita tudo – você virgula, circunflexa, exclama, interroga, cedilha, inventa aspas, pinga pontos. Pode crer que só essa frase vai contar, já que é sobre *Zeitgeist* o que a senhora pretende falar. Tá todo mundo detonado, fodido, disparou Raul, a taça bojuda de conhaque numa mão, a outra segurando o queixo, cotovelo apoiado no sofá. Sem dar tempo para o outro dizer qualquer coisa, continuou, voz sustentada por estacatos alongados entre palavras: “o espírito do nosso tempo é justamente esse aqui, exatamente esse que está acontecendo nessa sala: uma ressaca. Desesperançado, muita cachaça pra aguentar o tranco, o branco, essa branca fabricada. Você prestou atenção no povo dessa festinha? Todo mundo descasado, ou recasado, a filharada espalhada aqui e ali, todo mundo com um puta medo de maiores envoltimentos – chupa, lambe, come, contorce para depois a frase mais cara de pau do mundo: ‘sabe comé, né, não quero me envolver’ – ah, faça-me o favor! A vida levando e a gente retrocedendo, sonhando fazer parte de imagens de catálogo publicitário, tudo bom, tudo feliz, tudo sorrisos, nenhuma flacidez – O CASAL FELIZ PARA SEMPRE COM CACHORRO CASA PRÓPRIA AJARDINADA CARRO NA GARAGEM ÊXTASE SUPREMO CLASSE MÉDIA – me dá um ódio, ô gatinha coiô! ou entregando os pontos para a putaria, a mais sórdida que houver, ou ainda, as duas coisas – vida de comercial de margarina e putaria ao mesmo tempo, clandes-ti-na-men-te. Tudo impossível, cara, porque quase ninguém banca os efeitos do buraco negro da noite no dia seguinte. Há dia,

e com ele a ressaca e a abstinência as contas a lida para entorpecer. De dia não existe maquiagem tão resistente que não derreta e esconda tanta imperfeição. O escuro macio da noite nas suas sombras nos salva”.

Fourier meio perplexo, a boca quase aberta, absorvido pelo olhar de Raul, um plenilúnio na sua face. Era silencioso, quase sempre, Fourier, mais ainda quando precisava lidar com a verborragia cáustica de alguém embebedado e rancoroso. Ficava sem ação. Responder ia responder à sibila dele noutra momento, com outra disposição que agora não tinha. Sabia de suas dores, nunca as epidérmicas, mas aquelas de dentro, sem apalpe, as que doem mudas e corrosivas, todo dia, de solidão e mau trato, passado que nunca será de fato passado. Entendia a pele sempre eriçada lançando espinhos, recobrando toda a extensão daquela vida complexa morena, vida que também pulsava enorme radiosa, correndo em cada célula. Entendia Raul num chamado da mais escondida cavidade de seu coração. No revés, contudo, o impulso foi o menos esperado: beijá-lo, Raul. Teve vontade de beijar Raul. Terno, exato. Um beijo que mandasse tudo para os ares e que o calasse, ao menos temporariamente e que o adoçasse, ao menos um pouco. Não era volúpia, era ímpeto de salvação, era compaixão e a língua. Como se revestido de si, ou de dentro de si mesmo, de um núcleo qualquer flamejante, pudesse regurgitar amorosamente uma suavidade, delicadeza, a nuance de uma existência mais pura em Raul. Um toque que o tirasse da prisão em que se enfiara.

Anna prestava atenção ao movimento todo da cena, intuindo que algo neles, possivelmente a cumplicidade que os atava tão próximos, já corria fora do seu controle – Raul cabisbaixo, pernas másculas abertas, pernas torneadas por jeans desbotados, gastos, seus movimentos circulares com o antebraço para ver o dourado margeante dentro do copo. Fourier, lento, indeciso, impreciso mesmo, se sentindo velho e gasto, fora do ritmo, retesou o corpo como se fosse se levantar, mas ainda sentado, como se, na verdade, reunisse coragem, lacônico. Anna insurgiu antes:

- Por que tanta amargura, Raul? As coisas são o que são. É pífio jogar pedra sem ao menos mirar. O fôlego acaba se você só remar contra.

Atacado ele reagiu, voz mais baixa, não menos sarcástica:

- Anna, vem cá, querida. O que estou fazendo não é nada além de estender a palhaçada. Sabe aquele cômico decadente que precisa continuar no palco? Aquele cara que esvaziado de repertório tenta, diante da plateia, buscá-la desesperadamente e assim vai se tornando grotesco? Pois sou eu, linda. Sabe o... o filho da puta da família? O que estou querendo dizer é que... um exemplo, o seu pai. Ele é o filho da puta da sua família. Ele é o ladrão, o que faz o trabalho sujo: agiotou, esfolou gente viva com juro, politicou, fez conchas, criou fama, a má, claro, tudo para você estar hoje aqui, tão naturalista, toda Krishna de butique falando adoçadinho, falando inglês e alemão, mestrado na Sorbonne, filosofia, não é? Filosofia. Pois então. Ele sujou as mãos, você que as lave agora. A mensagem, a massagem é essa. Ladrão degredado ontem, quatrocentão amanhã. Darling: a vida é dura. E isso me remete a uma visão pavorosa, mas real. Você já viu a cor dos olhos das pessoas que morrem violentamente? Eu já. Assassinato brutal, acidente de carro... Menina! Os olhos se tornam incrivelmente claros. Vejamos... seus olhos castanhos... adquiririam um tom mel clarinho, disparou, olhando-a secamente.

Anna, fala turva, aturdida, levantou-se. “Olha, Raul, não dá. Contigo, hoje, não. Não estou com a menor paciência para os seus jogos nem pra essa morbidez calculada para criar efeito. Fui. Beijo, Fourier, boa sorte”, saiu sem encarar o primeiro, sumindo na outra sala.

- Se ela acha que não é bicho, macaco feito todo mundo, coitada, azar o dela.

- Precisou tanto até chegar aí? É certo que ela não entendeu, tomou como ataque. Só digo, por mim, que não tô detonado, nem fodido, se quiser saber.

Sem piscar, ainda numa total ausência de expressão no rosto, Raul saltou do sofá e: Ella. Ella Fitzgerald. Ou Atlantique ou Paco de Lucia. O que você quer ouvir? Estou cansado desses baticuns nervosos no rádio.

Resignado, se acomodando melhor no encosto almofadado cor de mostarda, Fourier disse tanto faz.

- Então vou mostrar Malou para você, Malou é um basco que é uma coisa! Vai... sente a música, tem uma percussão que grita, como uma borrada de vermelho em tela branca... e os violinos ciganos quase desafinados. É letárgico, narcotizante, vai hipnotizando a gente, fecha os olhos.

Fourier, numa pontinha de desconsolo – por que me atraem tanto pessoas assim?. Quando acabou a música, olhos abertos, ele viu que Raul não estava mais lá.

Por um instante, uma zoadá, o vazio, o mal-estar: Raul, chamou, passivo, medroso. Mas ele estava sim ali, meio invisível, entre uma sala e outra fumando e logo voltou em cheio, dentes muito brancos reluzindo num sorriso que então não se expressava mais em cinismo ou pacificação. Sorria e era só. Sorria um sorriso que a Fourier bastava para dissipar quaisquer nuvens, todas as dúvidas e medos.

O que sentia, paralisado diante daquele sorriso todo sol ou, o que sentira minutos atrás, à beira do abismo que em idiosincrasia definia também Raul, era... bem, a vontade de beijá-lo (catava os pensamentos, todos zanzando na testa, em busca de entendimento)... talvez fosse... amor. Um amor não exatamente amigo, não exatamente fraterno, mas aquele onipotente-impotente, um liquidificador de sensações, aquele amor que quer curar, sarar, oferecer, escravizar-se, se preciso, sempre frustrado à primeira mirada no espelho, à visão de que pode quase nada dentro da escuridão tentacular do outro. A intuição, negada, de ser tragado também pela escuridão desse outro.

Como amar um bicho de estimação sem retroceder diante da sua verdade. Amá-lo também com asco do cheiro, do pelo, da pena, dos pés, dos carrapatos, da baba, do rabo, a obtusidade animal. Amar-lhe a beleza do porte e a prontidão, a presença sempre ali. Amar forte, bravo, corajoso. A verdade, amá-la.

Então, esse tipo de amor – numa certeza que lhe caiu feito um raio na cabeça, ele ali, abobado, abocanhado por aquele mero sorriso – era finalmente amor de taquicardia o que sentia por Raul. E um amor que agora o calava, o isolava num silêncio confuso, envergonhado, medroso, escaleno. A boca que sorria oferecia mais bebida, carnação verde de azeitonas e palavras sempre dúbias:

- Sabe que depois que Anna saiu o clima ficou mais leve? Gamboa, lugar de remanso. Não sei não. Acho que sou mesmo mimado e egoísta, como já me disseram. Antissocial? Talvez. Mas o fato é que prefiro tudo a dois.

Fourier concordou com um sorriso contido. Também ficava aliviado quando estavam a sós. Diria alguma coisa mais? Apenas que apesar do azedume de Raul, gostava dele. Muito, fundo, quase doído. E o outro diria que sim, também.

Moderato Cantabile

Moderato cantabile

Quando quase diariamente nas primeiras horas da madrugada o silêncio tomava conta de tudo. Quando crianças e marido já postos em suas camas e a atmosfera ali ia se fazendo aos poucos quase sensual, Maria Alice emergia. Duas horas contadas, todas as noites – exceto sábados e domingos, que nesses havia o sexo pontual, automático – mas um par de horas que era a única liberdade possível dessa mulher.

Misturava-se às sombras, espriada em seu domínio, naquela casa, daquele séquito, dois meninos gêmeos de quatro anos, uma menina de dois, o marido que trabalhava das seis da manhã às oito da noite fora: era ali o seu reinado. A ordem, a calma, a paz, o inferno, tudo dependendo ansiosamente da inteireza de Maria Alice para continuar ou não, o dia inteiro, núcleo, para não fazer desmoronar o que se erguia em tijolos, cimento, vidros, lágrimas, algum riso, um bocado de leveza, no entorpecimento das tarefas frenéticas infundáveis – fraldas, o almoço, o jantar, os cafés, os doces, a limpeza, os remédios, as compras, a lavagem, as roupas. Mas por duas horinhas a dança cessava, despegada de função, só respirando, às vezes acendendo furtiva – que o marido detestava – um cigarro, vezenquando abrindo – em esforço de silêncio – uma lata de cerveja, garrafa de vinho. E aquele gosto ácido amargoso de um ou de outro, adstringente, limpando um pigarro constante que tinha amarrando a garganta, cigarro-cerveja-vinho, licenciosidades quase ilícitas naquele cenário. Ficaria inerte, todos os dias, no escondido, prazer sem muita paz, orgia solitária para, no dia seguinte, as coisas todas recomeçarem cansativas sem grandes surpresas, nenhum impacto, cuidando do marido como de suas crianças: escolhendo e separando roupas em combinações que ele vestiria sem questionamento, no arame apertado do hábito, Maria Alice deixando tudo à mão para que pelo menos em casa a vida prática corresse fluida, sem dificuldades para ele. Que não a abandonasse

não, porque apostava, jamais conseguiria caminhar sozinho, longe de seu amparo asfíxia, sua mão prestimosa, tudo tão inominado, esse toma lá dá cá que ninguém percebe mas que nele enredado segue para dentro do olho de um furacão que ainda não rodopia.

Uma sensação de gelado contornava-lhe o corpo riscando a espinha, nessas horas em que era totalmente só. Frio do medo que principiava nessa liberdade que não, nunca lhe fora toda nova, mas uma liberdade assim delicada hermética nessas duas horinhas exangues – pavor de ser sempre, dia todo noite inteira livre sem grilhão sem amor sem nada. O que faria totalmente solta? Por outra, duas horinhas que traziam o sabor do que se inaugura, como se entrincheirar-se meio sem saber, quase perdida em si mesma, num momentinho roubado, lhe devolvesse singularidade originalidade que no correr cego e longo da semana dos dias anos se desfazia sem pegada.

Cuidar do marido: igual a seguir para a feira, os meninos atrás, escolher tomates maduros e muito vermelhos, imprescindível que não sejam passados, para o molho da macarronada, perfumado por manjerição fresco e outros verdes, retirando-lhe a acidez com açúcar, um pouco de pimenta, noz-moscada. Igual a bater batidinha a cebola até que dela não reste mais que o sabor. O marido não suportava pedaços graúdos de cebola – é como mastigar vidro, dizia. E comer junto, num ritual.

Madrugada já alta ultrapassando as duas horas rigidamente estabelecidas, havia, ela observava, os objetos a confirmá-la, assegurar-lhe em território-terra-existência: o cinzeiro imenso em cristal azulando de tão grosso. A Maria Bonita com seu Lampião em argila primitivista pintada. Os CDs de músicas já quase esquecidas – que as crianças podem acordar! –, mas que permaneciam cuidados para a qualquer hora um choro um sorriso uma lembrança ou só o momento. O gato egípcio em matéria dura negra. O castiçal *déco* em ferro. A foto em preto e branco de Marilyn Monroe, a estereotípia, o peso de papel, um sapo de mármore esverdeado, o cartão-postal de Santorini. A flor seca dentro de um livro. O bilhete que denunciava, no mesmo livro, uma traição fugaz, bateção sistólica no peito, memórias edulcoradas secretas salientadas – melhores, constatava sempre, as memórias do que o ocorrido – vitais para seguir. Havia a polida e quase imperceptível falta de assunto com o marido e um amor intrincado, sobretudo pela ausência, do corpo de um, da alma da outra. Havia o MTB da jornalista porreta e

inconformada que Maria Alice fora num dia muito longínquo para abandoná-lo depois decepcionada: seu trabalho, sua missão, sua fé na vida seriam então cuidar do outro, os outros – marido filhos. O transe na faculdade – sexo, drogas & rock n’ roll. Amigos que nunca mais se encontraram. Existia um pequenino envelope em papel manteiga, ali ao lado do bilhete do postal da flor seca, embrulhando uma gilete de fio absurdo para punhos cansados ou assustados em demasia. Punhos que se exaurissem em sangue e drama, num grito desengasgado que fosse interrogação do tipo “o que me tornei?” – já que saíra da esfera do “o que fizeram comigo?”, para ao menos assumir-se.

E o amaciante mais adequado para as roupinhas finas dos filhos queridos – que nem direito de morrer voluntariamente Maria Alice possuía mais –, o sabão em pó que fosse econômico, mas certo para manchas teimosas que seguiam incomodando. E as baratas nojentas subindo pelo encanamento enferrujado de seu apartamento velho, mas charmoso, um três quartos década de 50, cômodos amplos, teto mais alto que aquele convencional nesses apartamentos de hoje, inabitáveis ou purgatório enfim. Os banheiros em vidrilhos madreperla, metais em cobre desbotado, a banheira de louça e de pés. As baratas escalando em marcha altos andares numa ameaça calada. E o veneno que as fulminasse, durinhas, patas para cima, um veneno tão poderoso que pudesse extinguir rapidamente, pouco sofrimento, uma família inteira, frasco em mãos, Maria Alice.

A madrugada, sentia, ia longe demais. A menininha resmungou no quarto, chupeta perdida no travesseiro. Correu a acudi-la. Essa coisa inexplicavelmente visceral, uma amorosidade que não supõe questões aclaradas, afeto que se esquece de si mesmo e que ao amar se completa também em si – era bem assim que Maria Alice se desmanchava do centro das coisas, sumariamente alvejada pelos filhos desde que os vira pela primeira vez, pesando em seu colo exaurido de dores e do esforço de parto. Pelo marido era amor diferente. Apascentado nas regrinhas do dia a dia, ternura sem espanto, a discretíssima negligência dele em relação às suas emoções também por ele muito disfarçadamente designadas, em fina ironia, como “femininas”. Como se “feminino” fosse adjetivação que fechasse discussão ou prolongamentos. Mas tudo bem. Tudo bem, essa a expressão a citá-los em casal.

Não que nesse destino Maria Alice se encaixasse perfeitamente como se o tivesse inventado. Rodava na roda. Mas não seria o caso de julgá-la incompetente e vitimada nesse seu destino – como se ela não o desejasse. Acontece que não sentia mais a emergência da vida. Vivia os dias enfileirados, um organizadamente atrás do outro esperando o próximo, só ele, cheio de obrigaçõeszinhas à sua frente. Que isso bastasse portanto.

As pequenas impaciências conjugais, o dever comum se projetando em sonhos de maiores rendimentos, excentricidades de consumo e algum ócio que dificilmente viesse sem culpa, o apartamento com “vista para o maior *shopping center* da América Latina”, até parece que não: mas exatamente essas coisas confortavam-na. Alimentar a família, fazê-la sólida, uma barricada, ver filhos crescendo, alargando o vocabulário; o marido, ainda que ligeiramente impaciente, meio omisso insosso, nalguns instantes, por lapsos, dono de uma ferocidade muda indecifrável, cuidando para não se deixar vislumbrar na humilhação de uma queda, intimidade quase estranha entre os dois; agradava a Maria Alice vê-lo galgar postos mais altos no trabalho, sempre muito bem (por seu esforço na lida, ela se dava o crédito) apresentado em gabardine, panamá e algodão.

Tudo isso estava, para ela, bom, pensou, lá no fundinho aflita, noite estendida, taça de vinho seco cada vez mais frequente entre as duas mãos, ensaiando o gesto, qualquer um. Largo, estreito, contido, movimentação. O que acolhe, o que afasta, aquele que se aguarda, ainda que avesso, ao contrário, ou exatamente o mesmo que pensávamos. Escrever uma carta, oferecer o abraço, estar próximo, do lado, esteio. O gesto. Aquele que mata ou faz brotar vida que não se contém.

Quando não somos mais

Quando não somos mais

No ínterim, você pode até sonhar grandezas, mas é no raso e no miúdo mesmo que a vida corre. Tirar esplendor de dentro do cotidiano sufocante será o desafio.

Olhos só então abertos, enxerguei que o tempo, assustador, já desfazia tudo, adiantado em ir não se sabe para onde, os dias se acumulando no meu rosto, macerando a fina matéria em cuja superfície viaja, mas não se perpetua, carne.

Caixa empoeirada que súbito se destapa, sem saber direito o que continuo a ser e o que definitivamente acabou, vi saltar e desfilar diante dos olhos o inventário daqueles que pelo meu trajeto haviam passado. Tudo breve e intenso.

Era de me atirar sem medo na perigosa substância das coisas. E por isso eles me sangrariam para sempre. Eles, os que tive, aqueles que me tiveram ou quase. Começaram, não faz muito tempo, a vir de volta para mim, um a um. Não que fosse verdade, mas também não era sonho.

Fazia verão e eu despejava baldes d'água no piso para tentar refrescar ao menos temporariamente o calor. Descalça, os cabelos espetados no topo da cabeça por palitos cruzados.

Então ele, Ângelo, atravessou a porta de entrada com a desenvoltura de quem já tivesse feito o mesmo movimento centenas de vezes. Veio calado, alto, moreno, uma perfeição apolínea que eu não alcançava. Passou cínico, quase indiferente por mim, como quem diz “sua boboca” – isso era muito ele – para, no momento seguinte, me estender um vaso de antúrios, flores estranhas, todo ele um outro que eu não desvendava, vivendo dentro de mim como se desde sempre, sem cronologia, arredo, inexato.

Escorregou por entre os meus dedos indecisos, parecia rir de meus medos, afagou os cabelos de Francisco, que estava es-

tendido sobre o futon branco na sala. Coisas impensáveis talvez se desenrolassem ali, na minha frente, possivelmente transariam e me deixariam a assisti-los não tivesse eu fechado os olhos para deixar a imagem desaparecer, assim como a havia permitido entrar.

Eu ainda puxava o excesso de água do piso com um rodinho, cheiro de cloro no ar, quando vi surgir, vindo de meu quarto, Fábio. Puro, quase um menino ainda, cabelos castanho-claros, uns fios de ouro brilhando entre eles, os olhos de um verde-sujo, a boca pequena numa forma rancorosa, queixo mais projetado para a frente do que o esteticamente aceitável. Fábio existia, sabia haver, juntar coisas, queria futuro: poderia ter sido, mas não foi, flor selvagem, não se segurava. Nem seguraria ninguém.

E tudo não ia além da emoção do momento – o que passou não é mais, o que virá se tolda por ainda não ser mais que abstração, projeto inconcluso ou morte anunciada.

Era mais alguém dentro de mim, entonação aquosa de quem está sob chuva. Retirada de tudo, no seu habitual, como se lesse os meus pensamentos, como se não fosse, ela própria, um desses fantasmas dentro de mim e gozasse de alguma espécie de indulgência, Ana, que era puro erro. Chegou bruta e suave como sempre fora, cheia de ironia, pois se exatamente o que se podia dela resumir é que nascera de um jeito, num corpo, numa família que não podiam ser seus.

Conversar simplesmente com Ana deixava um sobregosto amargo, a sensação final de um modo de se aproximar que parece mais violação. Instintivamente fechei as pernas molhadas e geladas. O seu vozeirão andrógino – tonitruante pairando no ar como um balão murcho num dos cantos daquela tarde líquida. Ela avançou, as sobrancelhas súbitas, e eu recuei. Tinha latinha de cerveja numa mão, os olhos vagos-amortecidos que não se deixavam penetrar e o texto, o mesmo de quinze anos atrás, quando, carcereira, me jogou uma isca de liberdade que, selvagem, eu mordi, descomposta, a mulher primeva.

Saiu rindo não sei se de mim, ou se num disfarce de dor. Igor via tudo sentado numa poltrona cor de lavanda. A cara de bebê, seus ombros curvos, a ambiguidade escorpiana. Era psiquiatra, reichiano, gaguejava uma fala de inflexões rápidas e infantilizadas, o menino criado pela avó. Se sorria, se sofria, se sentia ou não,

a expressão era a mesma. Suas fontes místicas, seu bagual, seus duendes mágicos, o mensageiro do vento tilintando nervosamente na varanda, tudo acessório.

Igor descera, não fazia muito tempo, de alguma árvore pré-histórica para topar comigo numa esquina. Desfilaram depois: Lúcio com seus olhos pretos e parados feito túneis vazios, sua fome canibal – o grande empresário afogado em sua máscara para não fazer nenhum movimento adentro. Os Silvios em sua igualdade semântica, perversos, controladores. Artur, minha ave noturna, num voo rápido e avassalador, um meteoro. Os meus mortos muito vivos nalgum quarto trancado do meu coração. A minha vida toda resumida nessa noite que começava a cair, sem que eu tivesse dado conta de fazer escoar a água toda despejada no chão. Noite que não acaba assim, quando penso no Cláudio, que chegará logo, real, todas as coisas já trazendo contidas em si o seu próprio fim.

A música, um Schubert: *Piano Trio in E Flat*. E eu sabia que havia desfecho, ruptura sem paixão ali, roxo-ataúde, miasma de flores passadas no ar. “Quando acaba um amor” pode ser título de canção. Bicho encurralado nas suas depressões ele me dissera sem dizer: estou fora. Não. Esteja você. Vá e me deixa ser. Não quero ouvir a sua voz: não quero coerência, nem aderência, esse seu cheiro almiscarado. Cansei de ser você. Ingenuidade a sua de pretender palmilhar meus abismos. Externa demais é você, enredada nas beiradas. Se bobear e querer muito e fundo, nas suas certezas medianas, você vai cair porque não sei me colocar nessa conjugação do seu desejo. O tom, o problema é o tom, sempre. É a repetição.

Há mais de três décadas eu me repito: acordar, levantar, caminhar buscando algum equilíbrio em dias emoldurados por um cotidiano, um enquadre e esperar pelas noites plenas luas. Astros no silêncio nervoso do céu da noite espocando distâncias que não atingirei, algumas minhas reentrâncias refletidas aí. Melhor não me adentrar, não chegar muito perto, não. A meta imprecisa de a cada noite então morrer para acordar, manhã seguinte, renascido, outro. E esse tom que precisa aparecer, mas não vem e então se rediz em lamentos, uma saudade do que não ocorreu, a ficção do que sou, o claro do que não tenho mas disfarço ter numa tentativa humana de apreender aquilo que só por vagos instantes toca a mão que rápida se fecha mas não agarra a coisa. Vivo. Tenho a quem abraçar.

Era ataque bárbaro que eu tentava não ouvir. Sabia do que se seguiria e mesmo assim – sua tristeza byroniana, sua apatia, poço sem fundo – não queria perdê-lo e perder-me. Nem cantaria músicas de título fatalista vagando ao redor de nada, não podia.

E se me pintasse também de violeta, se me revestisse dessa dor e fúria sem nome que era toda ele-dele para sabê-lo, conhecer a homem, portanto. Salvaria a ambos: buscá-lo imóvel e pálido do fundo do oceano de si mesmo, submersa também, enfim.

Joel

Joel

A constatação, sem drama, de que o tempo passou depressa demais e de que o projeto era outro, divagou Marco Antônio, num quiosque em Maresias, a um gringo que obviamente não compreendeu o que ele claramente não teria coragem de dizer a alguém que o entendesse.

Trinta anos antes, vestia roupa colorida assimétrica, comemorava então a entrada na faculdade de Letras. Daí vieram os mergulhos nos transe químicos, as festas, insuperáveis. Nunca mais, depois de formado, as encontraria tão animadas. Paraísos no haxixe, no gluco e uma profusão de bolinhas em todas as cores: optalidon, valium, artane com uísque, com cerveja e o sexo, ainda livre. Primeiro com meninas peludas, oxigenadas, meninas meio *hippie*, senhoras casadas e, depois, a inauguração no amor entre meninos. Da síntese, não se situou.

Quis mudar o mundo, portanto houve a militância na política de esquerda, panfletagem. A descoberta dos autores que ilustravam o curso de Filosofia, a cujas aulas frequentava como ouvinte para desvendar o espírito: Foucault, Nietzsche, Derrida, Althusser foram descobertas de par com os russos, por quem se encantou nas letras mesmo: Dostoiévski, Gogol, Tchecov e Maiakovski.

Na sequência veio a fase das terapias, escavações do eu: passou pelo grito primal, por Reich, pelo soma, por Rajneesh.

Num tempo em que o vírus da aids patrulhava corpos que não se intimidavam, houve o que se pode chamar de definitivo no curso da trajetória previsível de Marco.

Já formado, aspirando a uma bolsa de pós-graduação em Paris, ele, meio a esmo, ouvia Bauhaus, Peter Gabriel, Laurie Anderson, como todos os do seu círculo. Cabelo espetado, vestindo preto vagava pelo panorama *underground* da fria noite paulista em

busca de calor. O bóton do PT cintilando vermelho em seu colarinho, Marco Antônio queria companhia. Hoje a de um cara. Andava meio assim ultimamente, sem paciência com as mulheres, seu histriionismo. E já que havia a possibilidade de escolha, do tráfego sem grandes interdições em si próprio, livre e solto na Pauliceia, longe da família, iria nessa linha. Tudo sem mistérios, claro e objetivo. Duas carreiras grossas de pó aspiradas sobre a pia manchada do banheiro fedido e sem portas da boate, para dar coragem.

Eram belos e mais sofisticados do que os rudes da boca do lixo os caras que frequentavam o lugar. Belos, somente, já bastariam a ele que nessa noite não procurava papo engajado-cabeça, nem um amor, que isso, confiava, estava guardado para uma futura mulher que atravessaria seu caminho iluminando e resolvendo para sempre os desvãos abafados de sua vida.

Porquanto estivesse ainda envolto pelo gelo seco e pela luz negra da boate, trataria de aproveitar o que quer que aquela noite lhe trouxesse. Olhou ao redor e viu no canto do balcão, de pé, um homem grisalho, no máximo, quarenta anos. Dois minutos de conversa entrecortada e pouco audível por causa do som alto bastaram para que Marco percebesse acidez nesse cara que logo o convidaria para ir ao seu carro. E sim, ele iria. Agradava-lhe a estranheza nesse homem chamado Joel, de traços e gestos finos, certa aristocracia e alguma perversidade sugeridas no olhar opaco.

Uma transa então seca e abrupta, cheia de gula cáustica, a de quem não se conforma ao que deseja, mas, que, no entanto, não se refreia: atravessou o jovem que gostava daquilo.

Uma hora depois, certo sarcasmo no semblante, Joel o deixou de volta à porta da boate. Sentindo-se imundo, muito mais pelo prazer do que propriamente pela aridez do encontro sem palavras e, portanto, sem qualquer lastro de contato, o garoto pensou na mãe. Hora esquisita para lembrar de mãe, censurou-se, sem, contudo, conseguir evitar a sua imagem se sobrepondo. O rosto e os cabelos da mulher que, a uma hora dessas, quase quatro da manhã, já devia estar diligentemente ocupada com os caldeirões e panelas de alumínio amassado, acendendo o fogão a lenha na fazendinha de café da família em Mococa.

O feijão demolhado de véspera, o arroz já catado que cozinaria para encher os farnéis e as matulas daqueles a quem ainda chamava de colonos, os trinta temporários que procederiam à co-

lheita do café. Sozinha ela cozinhava para toda essa gente e depois seguiria na administração da colheita, do processamento e da venda do seu produto.

“Para sustentar o filho e as suas safadezas em São Paulo”, culpou-se, sufocado, Marco Antônio.

A certeza de que jamais seria perdoado por seus gostos, o desespero de não ter ao certo para onde ir nessa via, a sensação, porém, ainda renitente, de que distante jazia adormecida aquela que viria sim resgatá-lo da sujeira toda, a mulher-clarão dos seus sonhos.

O problema é que gostara do homem estranho. A experiência bruta e imediata validando alguma verdade dentro de si. Passou todo o resto daquela noite recostado na pilastra externa da boate. Às vezes cheirava as mãos e os braços para se certificar da presença do corpo do outro no seu, da veracidade nos resquícios do perfume que ele lhe deixara impregnado ao tomá-lo como um primata à sua fêmea.

Foi-se dando conta, nos dias subsequentes, o pensamento fixo em Joel, que sim, encontrara, naquele momento, o que absolutamente não procurava. Algo que lhe parecera a emergência do total, por uma hora, apenas, sem palavras. Ou aquilo do que passara toda a vida fingindo: essa vertigem. Amor?

Queria, ah, como queria vê-lo novamente, tocar-lhe o peito morno, acariciar sua cabeleira prateada. Precisava finalmente falar com esse homem, dar-lhe outro significado em si para apaziguar-se. E então sobrevinha a memória na pele daquele corpo, ao mesmo tempo em que, dor e ânsia, uma fusão nova acontecia naquilo que se insinuava como uma espécie de dança macabra e culminava em explosão.

Por um mês, voltou religiosamente à boate na esperança de reencontrar Joel. E teria continuado assim, não houvesse recebido a notificação, semanas depois, da aprovação para a bolsa em Paris.

Num outono bem posterior, Marco Antônio caminhava pelas Tuileries.

De longe avistou o que parecia improvável. Era Joel, sim, mais magro, saindo de uma *brasserie*, sobretudo cor de chumbo, sacolas na mão, o cabelo mais branco e curto, o porte ainda aristocrático, braço esquerdo envolvendo a cintura de uma loura bonita que gargalhava enquanto ele lhe sussurrava no ouvido qualquer coisa.

Marco tentou alcançá-los e, arfando, postou-se entre os dois na calçada.

Com olhos surpresos o homem o cumprimentou, num sobressalto:

- *Ça va?*

Sem se importar com a mulher ao lado dele, como quem implora, Marco Antonio disparou, ansioso:

- *Sou eu, você se lembra de mim? Lembra, não lembra? Sou Marco Antonio, da boate em São Paulo, Allure, 9 de junho de 1989, o carro, então? Você é o Joel, não é?*

- *Excusez-moi, monsieur, redarguii gelado o homem, pedindo passagem com um gesto de braço, puxando a mulher pela outra mão e, com um quase imperceptível sorriso no rosto, alguma doçura, talvez, olhou para trás e disse:*

- *Vous êtes trompé, monsieur!*

Aparvalhado, vendo aqueles dois se afastarem, Marco sentiu lágrimas lhe ardendo o rosto. Segurou o ímpeto de correr e se lançar sobre o homem. Então é assim? Passei os últimos anos da minha vida agonizando no cárcere da memória por sua presença e você me trata dessa forma?

Quis segui-los para finalmente ter um endereço onde procurá-lo quando a obsessão lhe retornasse desesperadora. Mas era loucura, sabia. O melhor mesmo seria esquecer aquilo tudo e focar-se pensando nos próximos passos.

Em dois meses voltaria para o Brasil para se estabelecer em alguma universidade, passar uma temporada com a mãe, na fazenda, quem sabe, abrir o corpo e o coração para a chegada da mulher ansiada. A mulher para a ancoragem, o lampejo de luz que iluminaria a treva ambígua que andava sendo a sua vida. Tão nítida em seus sonhos e semelhante ela, aliás, com aquela loura que acabara de passar ao lado daquele que acreditava ser Joel. Ambos já sumidos da sua vista.

Parecida não. Era a própria, constatava, aturdido.

As noites de Ilana

As noites de Ilana

Como quem se prepara para a noite de núpcias ou para o encontro com o amante, cumpria todas as noites, Ilana, um mesmo ritual, após refeição leve de iogurte e torradas com geleia ou uma canja. *Sushis*, às vezes. Banhava-se longamente, esfregava óleo perfumado por toda a pele, lavava e escovava os cabelos, secando-os ao secador. A maquiagem era levíssima. Escolhia a camisola, *peignoir*, pijama, segundo a determinação do clima e tinha-os para mais de cinquenta peças. Todas elas sensuais. Rendadas, delicadeza de bordados, seda, *lycra*, cetim. Pretas, vermelhas, brancas, cor de pele.

A cama cheirosa, chamas amareladas de velas acesas assegurando a meia luz bruxuleante, voluptuosidade à cena, incensos perfumados, ela então se deitava. Tinha ali naquela cama encontros que escoavam madrugada adentro. Encontros surpreendentes que se davam em sonhos.

Tal era a sua excitação ao chegar em casa do trabalho que às vezes o sono custava a dar sinais e pedia artifícios. À sua cabeceira a valeriana, o chá de melissa com maracujá, soporíferos naturais que lhe abrissem caminho para aquele que andava sendo o seu lugar dileto, a confirmação de um movimento evasivo que sempre fora seu, em todas as circunstâncias de sua vida, uma aptidão para a retirada, para a queda em seu próprio mundo.

Tão reais os seus sonhos, tão tangíveis os locais por onde passava nessas madrugadas extasiadas que chegava a duvidar que somente dentro de si existissem. Nessas noites reencontrava amores insuspeitados na vida concreta e que ali se consolidavam ou se revelavam. Assim se dera com Júlio.

Júlio havia sido um chefe seu, num emprego que por dois anos arrastara numa multinacional. Um chefe com quem nunca se dera: autoritário, traiçoeiro, vil, mal-educado, trapaceiro, eram

os adjetivos que normalmente usava para desqualificá-lo. Verdade mesmo é que, de sua parte, asco é o que a definia em relação a esse homem. Não encontrava nele nenhum indício de beleza externa, sequer a mínima atração. Tampouco interna. Num cenário assim, não seria surpreendente que seu trabalho ao lado dessa figura emperrasse ao ponto do insustentável. Em troca, Júlio passou a miná-la, excluí-la, a princípio discretamente até o ponto deliberado de instalá-la numa mesa que a colocava de frente para uma parede branca e de costas para os colegas, emparedamento literal, técnica de assédio moral e humilhação eficazes a trâmites trabalhistas patronais. Ela sabia que estava sendo convidada a uma retirada voluntária, que não causasse problemas à empresa, e assim o fez, mas não sem traumas.

Mesmo tendo conseguido se colocar muito agressivamente como autônoma no mercado com um sucesso que surpreendera a todos após esse período de massacre, as sequelas da degradação de Júlio permaneceram fundas. Primeiro no seu reverso: tornou-se ela própria a empregadora dominadora. O chefinho lhe revelara em si uma crueldade que antes não reconhecia como potencialmente sua. Júlio, porém, o seu calcanhar de Aquiles. Aquele que por sua competência, pelos encantos que forjava, não se deixara seduzir: nem por sua verdade, muito menos por suas fabricações. Ouvir o nome “Júlio”, por longo tempo, era o suficiente para lhe desencadear reações físicas desagradáveis. Mas esse mesmo, o tempo, sempre a saía a esmaecer as paisagens, a suavizar ou agravar a memória – ao menos dele o que se espera é a suavidade, e com llana foi assim.

Passados cinco anos de sua demissão daquele purgatório, Júlio havia deixado de ser uma lembrança perseguidora, saíra do status de um fracasso a ser resolvido fosse por vingança ou por busca de aprovação para se tornar apenas um parágrafo desagradável de seu currículo, somente o referencial daquilo que num plano muito racional ela *não* queria.

Até que numa dessas noites perfumadas lhe voltou num sonho, não como fato ultrapassado, mas como pendência a ser ali resolvida. Reinventado em tintas fortes, talvez mesmo inexistentes numa paleta de cores da realidade mas, totalmente plausível na do amor. Só não lhe pôde matizar as sombras porque sobre sua figura a luz incidia toda, a pino, totalidade. Não se veem sombras ao meio-dia dentro de um sonho.

A imagem vívida então que engolfou para junto das águas encapeladas que constituíram esse súbito e inimaginável amor era a do absoluto e por um instante viveu essa possibilidade quase realizada do todo, do elo há muito perdido e aqui reatado: assegu-ramento, calor, seu abraço forte, o corpo colado somado ao seu. O perfume, o mesmo Animale da realidade.

Num outro plano dessa extensão onírica ele dava coordena-das náuticas no barco que, numa intempestividade de ambos, amor cego neonato de alguma profundidade qualquer nos dois, os levava para uma ilha encravada nalgum ponto da Costa Atlântica. Ou no Mar Cáspio. Era sonho.

Nessa sua invenção, contudo, elementos daquela realidade passada ainda porejavam: toda atitude em Júlio era gestualizada, exsudando certa impaciência latente e inteireza sempre por um fio. Grosserias de quem se encontra em permanente contenda consigo e com o mundo sem razões conhecidas e que destoavam de seu conjunto geral longilíneo, mas que realçavam nele um permanente, incurável estado *saignant*. Júlio sugeria essa percepção. Ilana não queria saber o que nele sangrava. Tampouco se o nome de sua atra-ção fosse masoquismo, apego às velhas estruturas de dominação, síndrome de Estocolmo, rebeldia contra a imagem da mulher inde-pendente e autossuficiente que construía de si mesma. O Júlio ela desejava assim inventado, fabricado à medida da sua necessidade. Nesse barco os dois se ilharam.

Ilana balançava nos humores oscilantes de Júlio, alternada entre o amor mais terno e a sua bile mais sombria. Escuridão em que ele submergia sempre após melancólicas vodcas ou uísque du-ros, pedágios pagos diariamente no que para ela, colorista hábil, não seria alcoolismo, jamais. No máximo, uma síntese daquilo que os franceses chamam *lush* e dos ânimos que americanos nomeiam *blues*. Não conseguia desvendar o tipo de nostalgia que o invadia e transportava não se sabe para onde, refúgio de um exclusivismo que nem perguntas admitia.

Ao retorno desse seu mergulho, vagamente arrependido por ter se ausentado em plena presença diante de Ilana, ele assumia um tom cuidadoso, de uma solicitude acima do tom, exagerada tentativa de disfarçar o profundo desprezo que trazia em si en-tranhado por tudo e todos, às vezes à sua revelia, como naquela circunstância ali.

Ilana queria dizer dessas suas percepções, mas não tinha coragem. Quando o preenchimento dessa paixão resvalava para o vazio de suas interrogações sem respostas, era transportada para um oásis num deserto de intenso céu cobalto, então se via jogada numa comitiva de *tuaregs*, num camelo guiado por homem másculo e bronzeado, estereotipado, sobrancelhas grossas negras, traços muito fortes. Um desconhecido por quem então se apaixonava. Ele a guiava sem que ela soubesse para onde, caminhada de olores diferentes, de flores improváveis no deserto como tulipas, gladiolos e jacintos. Depois, os véus tremulantes de uma tenda, arrepios de medo e desejo por todo o seu corpo e um gozo lancinante que pedia tomada de fôlego e a despertava num susto.

Na outra noite, sem saída, se deitaria cheirosa e bela à espera dos que não sabia se ressurgiriam. Saudosa de seus cheiros, de suas mãos fortes, ventos luxuriantes, à mercê, ou totalmente entregue a outros amantes que em substituição lhe surgissem.

O rosto de Estêvão

O rosto de Estêvão

Um rosto é um abismo. Mais ainda quando marcado pela sedimentação dos anos, os rastros que a vida vai deixando impiedosa e sem pudores na cara da gente.

Dizem até que o sorriso de Mona Lisa já foi analisado por computador. E que na equação final ele expressaria 83% de felicidade, 9% de desgosto, 6% de medo e 2% de irritação.

E havia na face de Estêvão o rosto daquele tipo de pessoa que diz tanto mas nem tudo. Falava claro quando de dor, prazer, relances de felicidade, desconfiança sempre, não contando, porém, o que se articulava adentro. Nos olhos que recebiam o mundo inteiro, a dureza. Olhos que se engessaram, incrédulos, que se comprimiam, por sua emolduração de pálpebras, cílios, o cenho franzido. Olhos que se firmavam na segurança daquilo que repetidamente viam, vida correndo em círculos, raras as surpresas em Estêvão.

Olhos portanto, os dele, que não acreditavam mais em quase nada do que viam e que exatamente por isso mesmo preferiram fechar-se num exercício voluntário.

- Quem diria?, perguntaram depois vários de seus conhecidos, atordoados com a surpresa de saber o corpo de Estêvão achado sobre o capô de um carro na rua, todo amassado, o estrago que o peso de uma queda do décimo andar de um prédio é capaz.

- Parecia sempre feliz, sussurrou a irmã, voz baixa.

- Que motivos teria para gesto tão desesperado?, soluçava a mãe, inconsolável.

- Assassinato? Teriam empurrado Estêvão da janela para o seu ato parecer o que realmente parecia?, desconfiavam os céticos, evitando o termo específico àqueles que renunciavam à própria vida,

buscando pistas, justificações. Mas quando o corpo desceu os sete palmos comuns numa vala de terra, cada um dos que indagavam motivos ou buscavam explicações, silenciou. Sozinho, cada espectador daquele féretro buscou na lembrança mais íntima a fotografia dos olhos, do rosto, o vestígio abismal em Estevão, naquela impressão, comum a todos, de que já sabiam de seu destino.

Ele que curiosamente podia ser lindo, radiante, e feio, en-simesmado, ao mesmo tempo, provocando afeto e repulsa numa medida igual. Cada qual intuía, e sabia disso, em momentos distintos e por razões diversas, algo muito secreto e quase terrível naquela visagem. Face de olhos que se desviavam sutilmente de qualquer olhar – olhos que não se permitiam ser penetrados por outros olhos que pudessem supor o que corria no fundo sem fim daquela pessoa. Sorriso postíço donde jamais se adivinaria a verdade – se é que houvesse alguma.

E suas palavras. Bem, palavras são uma outra elaboração. Palavras que volteavam, vãs e jamais diziam o que de fato acontecia ali dentro. O que terá sido mesmo esse homem frágil como alguém destinado apenas à transitoriedade? Por que se escondia em recantos íntimos inacessíveis?, já indagavam, depois do choque, renitentes e mudos, aqueles que choravam secamente a sua morte. E ainda: por que não conseguimos nos debulhar em lágrimas diante de seu ato e então o choro árido? Raiva por sua escolha? Pela desconsideração ao sofrimento que causaria a todos e que poderia ter sido, por ele próprio, evitado? Assim, Estevão um egoísta? Um fraco?, continuavam se perguntando e desfocando o momento, mais calados ainda, aqueles que uma vez estiveram com Estevão. Perguntas que não responderiam pela memória do rosto que raras vezes dissera exatamente o que quer fosse de sua existência.

Por ora, buscavam rotulá-lo e ao seu gesto, no fundo retorcidos pelo ódio impotente que ele os fazia sentir, culpados também de tais sentimentos. Um rosto de sombras e ângulos inquietantes que logo seria esquecido. Ou gradativamente substituído, maquiado por lembranças solares. Somente então sentiriam, os sobreviventes, pena de Estevão.

* * *

Apenas que eu era toda vez, a qualquer encontro ou reunião, uma presença ausente – ou uma ausência presente, tanto faz –, não podia mais. Não em família. E esse era o Dia das Mães.

Uns nem percebiam. Talvez mesmo fingissem não perceber porque não deixava de ser incômodo aquele silêncio que se colocava às vezes grave, noutras aéreo, reticente, cético, desaprovador, desesperado ou cínico. Uma espécie de silêncio macaúba com o qual eu me protegia entre tantos: ninguém se aproximasse não, sairia espetado.

Portanto e obviamente havia aqueles que me detestavam numa fúria algo recatada – todos nós de uma mesma família, eu já disse – ainda que ali eu fosse apenas de esbarrão. Claro que me chicoteavam com olhares cortantes, frases provocativas beirando o insulto ou o deboche e eu lá, me pondo quieto e inacessível como um monólito ou uma semente sem vida, agredindo-os mais pelo que não dizia.

Eu não queria aquelas pessoas. Aquelas pessoas não me queriam. Nós nos suportávamos do mesmo modo como se lida com o inevitável. Certo mau humor, alguma esquivada declarada até onde era possível. Ninguém me visitava, eu não visitava ninguém. Só cruzávamos assim, quando em festa ou comemoração, dentro do vazio dessas datas.

A minha cara, o meu corpo, eu via no espelho: eu esquelético, quase um esqueleto, face doentia. Sempre fui de dentro para dentro, quem tivesse coragem que me desse a mão e viesse comigo ver o pôr do sol. Que de mim eu jamais sairia. Nunca prometi o contrário, ora, eu sempre, desde cedo, me soube.

Sobre as minhas costas, os ombros em arco, umas sardas jogadas sem cuidado, o mundo pesava esfolando-me a pele. No estômago aquela náusea permanente, todo ele carcomido encharcado de ácido e dor, só podia mesmo ser dor de facada transparecendo nesse semblante.

Competência. Isso também não esperassem de mim. Na medida em que a coisa derivava e tinha a ver com competição, jamais uma vitória. Perdedor, ignaro, ignoto, ignóbil. In-com-pe-ten-te.

Jamais tive autopiedade e tudo o que falo de mim não é dó. O que eu sei é que nunca me quiseram e que depois eu também não os quis mais. Nenhuma tentativa para parecer agradável. Pelo

contrário. Acho que fui, em família, a criatura mais abjeta e desgraçada de todas, o mais chato, abominável e mesquinho parente que alguém pode ter. A personificação mesma do espírito de porco. Ora, porque se assim me tomam, assim facilmente me torno, sem esforço algum, aliás. Eu não os vejo, eles não me vêem. Não espero nada de nada nem de ninguém. Fui deixando de acreditar. Trinta anos de fel e amargor eu tenho sido, pelo menos até agora.

Dizem que o homem é relacional. Eu não.

Refugio-me num passado bom que inventei para mim de dias ensolarados azuis e frescos, os sorrisos. Futuro eu não crio, presente não estou.

Alguém comentou que vivo uma fantasia. É possível, porque veja você. Masturbo-me compulsivo três, quatro, seis vezes num único dia. Larguei três faculdades bem engatilhadas. Minha mãe me chama de vagabundo e lambão. Meu pai não está nem aí, nem aqui, em lugar nenhum. Tenho irmã. Apática com algum calor dentro, não o bastante para me salvar. Tivesse irmãos, seria provavelmente massacrado por eles. Minha casa é o computador, o messenger, o orkut, o facebook onde criei um personagem factível, totalmente avesso ao que eu sou de verdade.

Sou aqui Estevão e lá na virtúália me chamo Daniel Blausch, para não me declarar no Souza comunzão. Atravesso as noites em mesas de bingo *on-line* onde às vezes consigo grana para, pelo menos, a integridade do cigarro, do provedor, do celular, da erva, do antidepressivo.

Detesto que me toquem, por isso, relacionamentos, só cibernéticos. Outro dia minha mãe me arranjou outro adjetivo: deformidade. É que ela, só ela, conhece um pouquinho mais de mim, do meu quarto e, mesmo que na maior parte do tempo não queira ver, ela vê. As toalhas, os lençóis duros de cascatas de esperma seco, as pontas da maconha que há muito deixei de esconder, o meu mundo dentro de uma máquina.

Mas o que ela não sustenta mesmo é esse meu silêncio entre tias & primos. Esse nada que eu sou, salientado, quando em grupo. Especialmente ela que se constrói a si mesma pelo olhar do outro. Para mamãe, contar e mostrar valem tanto quanto viver a coisa propriamente dita, se não mais. Assim: ela necessita visceralmente da aprovação do outro. Daí, em sua cara que se torna madalena diante

do meu embotamento, o seu desprezo declarado por mim: sou, em toda a sua exuberância, a sua falha, a sua porção triste, aleijada e renegada que ela preferiria escondida.

Tias e primas pobres já tomam oportunista e deliberadamente minha pequena porção no coração gelado e cheio de grana de *maman*. As harpias, de olho, claro, nos tostões por vir, se debulham em gentilezas e pieguices, puxa-saquismos. Já perceberam o buraco, a-falta-que-faz-um-bom-filho-a-uma-mãe. Solícitas, gentis, fazem as minhas vezes e serão sim as herdeiras do que recuso. Acho que nunca eu sonhei na vida.

Hoje o meu corpo cheio de solidão sente frio. As luzes da tela de cristal líquido do computador me doem nas vistas. O som nefasto do Prodigy nem os rostos esverdeados e cheios de olheiras da MTV me convidam.

Olho no espelho o próprio queixo, um olho de cá, outro de lá, por pedaços. Penso que um corpo é uma coisa grande, nojenta e desajeitada demais, mais ainda se morto. Essa alta figura fantasmagórica, gótica, um macaco cheio de pelos e cabelos oleosos, pele toda estragada de espinhas na face, na barriga e nas costas, sou eu. Uma peneira em machucados e cicatrizes. Tudo só feiura e sebo. O mundo se livrará de mais um de seus milhões de entulhos. Vamos lá, é questão de ecologia. Claro que assim todos saberão de mim, de tudo o que guardo e sou.

Chamusca-me um ardor no peito. Numa corrida de quatro passos rápidos sobre pernas longas e brancas de uma endoidecida vou e estilhaço a vidraça do quarto com meu peso.

Sem fim

Sem fim

Dias obscenos. Aquela cidade em seu cotidiano. Uma mão comprida toca o sino. A cidade, esta outra, que espreita e reduz, que amedronta e seduz. Um vaso de buganvílias vermelhas derrubado na calçada. Quase uma ideologia, a cidade é uma sina; é o estranho sempre ao lado, é a perversão em grandiosidade, a necessidade gregária. Certa perplexidade de andorinhas rasgando o espaço.

Daquela cidade: o crime organizado, a casta intelectual, os cânones e também os sacrílegos, as diretrizes todas, a impermeabilidade. O calor do sol abraçando a todos com sua longa manta loura. A cidade no carinho que se negou, no olhar que se esquivou, na verdade em barganhas. Cheiro de floresta, gosto de água de cântaro à beira de uma lagoa.

Asma sufocante, a cidade é uma puta que se vende a cada instante. Vespas triangulares voando ao redor de um suspiro cor-de-rosa, coberto de confeitos coloridos. Jornalismo-lisérgico-coisa-suarenta-a-menina-do-catálogo-a-maracutaia-pesada-a-trepada que tem que acontecer. Uma folha manjeriço fresco na pizza imigrante ao leste – então um instante de leveza. Pérolas vão brilhando timidamente por todo lado.

A cidade na biodiversidade nas formas – a *concièrge* poliglota, uma história inédita, o horror ao contato; mas pode ser encontro: Masp e Limão, Liberdade e Penha, comida croata coberta de *ketchup*, negro de olhos azuis, Sniper tcheco no carrinho do supermercado – 500 balas Magnum de brinde – mescalina engajada, fachadas caladas. Uma lente nublada, mas ainda uma esbarrada. Uma estátua sem nenhum significado enfeita um ponto qualquer. A cidade do inteligente tacanho, do caipira com ares de refinação, das alcovas-beijos-lamês-sopapos. Chuva ácida que corrói até os ossos e mata aos poucos. Uma velha alegre gargalha e sua paisagem traz o realismo de uma flor nua de sombras no ardente desse meio-dia.

Tardes insolúveis. Campos inteiros cobertos de carros – ou veias metalíferas prateando a céu aberto – num esgar de fumaça e barulho e gritos e buzinas e semáforos. Um calor de vapores absurdos. O mesmo sol, uma imensa bola incandescente suspensa na abóbada azul do céu; as nuvens suspensas como que imóveis dentro de um vácuo – o próprio inferno se dando ali, engarrafado.

Louis, dentro do carro, enxugou o suor na testa com uma flanela suja. E o dia seguiu etc. etc. etc.

Cecília, dentro de amena livraria folheou tensa um livro de reproduções de xilogravuras com a prensa e fome dos insaciáveis. E depois passou à literatura barroca, então à russa, daí à crítica e por fim subiu à música.

Daphne exercia seu poder mais lúbrico no vigésimo quinto andar de um edifício, esgueirando-se na sacada num vaivém, à frente do pai-dédalo e depois voltava à sua cadeira de filha do dono da coisa toda.

Eulália, em um momento sincronicamente estabelecido, ro-dopiou na sala de edição dando início à narrativa de cenas entrecruzadas ora em preto e branco, ora em filtro azul, ora sépia, ora colorizadas. Os cortes secos numa sucessão de focos disformes dando o tom do que ela exatamente pretendia.

Hermes beijou domesticamente a mulher no meio da rua e lhe deu a primavera inteira de presente, resumida num ramalhete de acácias, com um sorriso que era puro dente.

Noites sem fim. A festa. Uma celebração. Bebeu-se vinho. Muito vinho. Ouviu-se boa música. Riu-se bastante.

Daphne: os amores proibidos me excitam. Os contrariados também.

Hermes: que nos salvem as bacantes.

Daphne beijou Louis e sentiu um gosto de vinho-cigarro-madrugada-hortelã-pó. Mordeu seus lábios que pingaram sangue grosso. Hermes acudiu. Eulália contorcendo-se em risos convulsivos. Cecília tirou a roupa, blusa-saia-meia-sapato-calcinha. E correu para o átrio, por entre os arbustos que lhe lambiam o corpo arrepiado, uma lâmina de marfim cortando a escuridão. Lançou-se na piscina.

Eulália abraçou Louis e ávido ele sugou-lhe o pescoço, sentiu a pulsação nas artérias. Dançaram no meio da sala entulhada de garrafas e copos. As bocas se beijaram enlouquecidas; um pouco mais de sangue pingou e escorreu ondulante nos seios de Eulália. Brotou dele espessa substância masculina, doce e acre, quente e imperativa. Gelada veio Cecília e deslizou a língua no sangue misturado, sentiu o toque macio e pastoso da boca de Eulália, esfregou-se na barba por fazer de Louis que se perdeu na escuridão de Cecília, enquanto Eulália tremia em suor a lavar os cabelos e lábios de Daphne, que jogava *champagne* borbulhante em todo mundo.

Hermes debruçado sobre uma mesa de vidro tinha a garganta toda dormente. Vai uma aí? Louis nem ouviu, aspirando qualquer coisa perdida na nuca de Hermes, apertando e roçando seu corpo rijo no corpo do outro. Vem cá. Carnes e epidermes se encaixando em sussurros e delírios verbais incompreensíveis. Bocas e barbas se misturando. Coisa de louco. Coisa de homem. Daphne e Eulália: vem que eu te bebo inteira.

Louis, Hermes e Cecília: gostosa, gostoso, tesudo. Ela entre, eles se devorando, depois Daphne e Hermes, Cecília e Louis, Eulália meio a meio. Pele, grito, vinho, suor, cabelos, dentes, dor, marcas, bocas, tremor, carne, rosa, gozo. Vira. Faz assim que eu gosto. Mexe mais, vem e me mata. Ainda não. Hum! Vem mais que agora a gente vai junto. Isso, me beija.

Línguas aveludadas, líquidos transbordantes, resquícios de perfume nos corpos, sussurros, entranhas, quase vísceras, sentidos, vício, profano sêmen derramado a fecundar os cantos perdidos, seios, colos, unhas cravadas, chupadas siderais, sangue, manhã, tarde, e, por fim, dos olhos de alguém, uma lágrima, que simplificou tudo.

Duas

Duas

A vida andava a mesma de tanto tempo. E quando é que as coisas estagnam em acomodação com fundo espinhento assim, a gente não sabe. Apenas que se vai vivendo cada vez mais acuado entre paredes, medos assomados, bravatas destiladas.

E que um começa a se plasmar ao outro sem o vácuo das diferenças.

De repente, a vida plástica às voltas das contas, das refeições, do consumo, dos carros ansiados, dos consórcios para metas de longo prazo afiançando o agora para depois, como se ela, a existência, não corresse já.

Existir resumindo-se a um pacote de desejos a realizar. Tem também o filho que envereda por trilha obscura que não divisamos, ocupados demais com as nossas pequenas-grandes faltas. O melhor sempre a vir, nunca a chegar, Luísa então nesse oco. E foi bem aí que Sílvia ressurgiu, dezesseis anos depois, Luísa já recasada, Sílvia enviando-lhe mensagem eletrônica de saudades.

Haviam sido namoradas de grandes arroubos, Sílvia na androginia, Luísa na hiperfeminilidade complementar, potencializada pela mulher que havia em Sílvia. E ao transcorrer seguro, acostumado, marido cordato e bom, bom demais, o excesso de bondade que nela deixava travo de remorso por sua malignidade, coisa ruim de sentir.

Nesses termos, a pequena mensagem de Sílvia trouxe lembrança boa dos tais arroubos longínquos, perdidos no passado, como pulsação de vida terminal, sacudida de desconforto. E às revivências de histórias mal-acabadas, redesenhar-se em território conhecido, mas temido. Um sopro que reavivasse brasa dormente poderia ter sido essa mensagem. Luísa que, assim como inventara a paixão por Sílvia duas décadas atrás, poderia embrenhar-se de novo no matagal da impulsividade e ver no que dava a reedição

de um caso maldito, escandaloso, até. Poderia mesmo mergulhar de novo sem rede de proteção como antigamente e desaguar no desamparo da outra, as duas enlaçadas muito sós na escuridão das suas reentrâncias, no imperdoável que ambas carregavam.

Era sonhar Sílvia agora, ainda que muda ao retorno da mensagem em toda a sua transgressão, e deixar queimar o arroz, descuidar de filhos e marido, alienar-se no trabalho, avoada ao ponto de erros grosseiros lhe valerem advertências. Era então buscar outra alternativa à atração que a mulher exercia sobre si, uma sua igual intensamente diferente, desviante do modo como lá, bem antes, resolvera, ou, enfim, não resolvera a questão: fugidia à incompletude que formavam, desviante da execração social que à cidade pequena lhe oprimia. Quis, daí, um homem. Que a acompanhasse e lhe desse filhos, embora com ele, menos feminina tenha se desenvolvido. Muito capaz profissionalmente, aos poucos tomando o espaço de homem da casa, ao qual ele mansamente renunciava, vocacionado à obediência.

Respondeu, num rompante, à mensagem. Toda cautela em cada palavra. Não acenar entusiasmo, tampouco demonstrar des caso. Não abrir intimidades, mas não ser fria. Deixar claro o status atual e, ao mesmo tempo, tremular disfarçadíssima esperança, alguma suspensão.

Que tinha saudades de quem, com ela, fugazmente pudera ser, em outras palavras, saudades de si, alguém que um dia havia sido. Quando Luísa redarguiu contando que seguia de mudança da cidade e de emprego, Luísa lembrou-se muito nitidamente das corridas que apostavam e que Sílvia nunca lhe perdoara o sobrenome famoso, a vida profissional bem sucedida. Que um amor houvera, estava claro, mas nunca isento.

Haviam se acochado aos limites essas duas, inclusive o do ódio, paixões violentas demais às quais, não houvesse Luísa se retirado, terminariam em destruição.

Às mensagens, pensaram num chá. Sequer tocaram, a tais combinações, em lembranças das suas noites étlicas, excessivas, desvairadas, ciúmes e suor e risos, ressacas medonhas depois.

Um chá muito casto e composturas em cenário mais coerente com as senhoras que já quase eram, muito bem escudadas, lançando-se às sutilezas dos reconhecimentos, às breves constatações

mudas de que, do quanto tinham sonhado juntas, muito pouco fora realizado. Algum silêncio permeou aquela conversa que sequer tratava de ajuste de contas. O coração de Luísa por vezes perdia o prumo ao olhar mais detido de Sílvia, um olhar muito cálido e penetrante, ela que tinha o dom da intimidação mais sutil. À Sílvia, Luísa jamais soube, tampouco agora, o que despertava, apenas que os olhos de Sílvia se punham ali (sempre se puseram), devoradores.

Luísa soubera muito lá atrás que empenhar-se por Sílvia poderia significar a renúncia dos códigos conhecidos. Pensava, inclusive, no degredo, na decadência, na queda a um abismo que a enlaçaria sem volta na sordidez, porque pelas lentes de Sílvia aprendera um mundo hostil, quase inimigo, sem trégua.

Então ali, ao chá de citronela, seu aroma agridoce, biscoitinhos delicados como joias, a pele ainda lisa de Sílvia, Luísa finalmente compreendeu o que a atraía e repulsara naquela relação: não havia, nem haveria ao seu lado descanso possível, talhada às guerras – as de dentro e as de fora –, Sílvia.

Fábula

Fábula

Então Aurora acordou. Quarto de casal, manhã seguinte à chegada da lua de mel.

Aportava na casa cheirando a ardido de tinta e verniz, não se familiarizara ainda com a acomodação dos móveis e, então, como se explorasse novidade que não fora por si constituída, vagou pelo território.

Os presentes de casamento esparramados pela sala, examinou-os um a um, farfalhar de papéis de embrulho ecoando; tudo brilhando de tão novo e sem uso naquela casa de bonecas, ainda irreal, ainda sem jeito de *habitat* humano, com cara de *showroom* transplantado da loja de móveis, porque assim ela o visualizara e, quase menina ainda, não exercitava audácia para outras disposições.

O marido, Felipe, não despertara junto dela. Era mesmo estranho pensar assim: marido. Pontinha aveludada de dor no peito e a sensação de que em breve seria sacudida desse que não passava de um sonho nem bom nem ruim, só estranho. A luz intensa da manhã adiantada embaçava-lhe a vista na casa que esperava cortinas.

Mas, infernal mesmo, zunindo-lhe denso e amorfo, era o silêncio. Profundo, silêncio ecoado de cripta que fazia realçar o som de qualquer mínimo movimento.

A vaziez se sobrepondo àquele instante que, esperava, se elevaria magicamente para outro plano menos incômodo. Assim mesmo? Reivindicara por tanto tempo a vida adulta e quando finalmente a possuía, certificada, dona presumida de sua própria casa, ao menos essa de tijolos e portas bonitas, não conseguia sentir nada além do árido, de um nada crescendo assustador dentro de si, num sufoco ainda tímido?

O jeito, o modo então, era preparar-lhes o café da manhã mais bonito que pudesse. Verdade é que daqui para frente viveria às largas, sem os regramentos paternos, longe do olhar vigilante e inquiridor da mãe. Aurora, depois do longo adormecimento, agora ca-sa-da, achava que seguiria a trilha que bem desejasse, não suspeitando terem sido tais caminhos sulcados muito antes de si, à sua revelia.

Não atinava também que pai e mãe, esses de quem tentava ca-sa-da se desvencilhar, estavam impregnados quase sem retorno dentro da tênue delimitação de si mesma.

Felizes, no suposto de uma liberdade toda nova, dentro dos próprios domínios, do seu cercado, a casinha com sofazinhos, mesinhas, enxoval e tapetes – descortinada, porém –, brincariam de ser adultos. Ela cozinhando para ambos almoços relutantes, encontrara, ou pensava ter encontrado, enfim, um modo, um jeito, uma identidade para existir. Legitimada em seu contexto, tomara de préstimo do marido, como se seu fosse desde o berço, sobrenome de imposição na cidade, o qual ia se transformando em distintivo que abria portas antes temidas no incontornável da barreira social.

Antes, de família falida sem singularidade; agora, Kóvac, família húngara de linhagem rude mas bem sucedida.

Resolveu que nesse ano de recém-casada não seguiria a profissão de professora. A casa seria o seu remanso, o seu lugar, sua fuga mais disfarçada, sua fruição mais solitária. Quando, o marido no trabalho, o silêncio começava a lhe oprimir, tirava o carro da garagem e passeava pelas lojas que não pudera frequentar em solteira. Granjeando a bajulação dos vendedores, aquecimento fugaz, quase nunca encontrava o que procurava nessas lojas. Frustrada, então, voltava para casa.

E havia outras obrigações em sua vida de esposa. A maçante e subliminar imposição de visitar aos domingos os pais (igualmente inquisitivos) do marido e que muito sutilmente lhe cobravam o retorno de seu investimento com a sua presença ali: a mulher-do-filho. Esses almoços de domingo depois se estendiam em grupelhos masculinos e femininos separados: os homens num canto e as mulheres – competitivas, irônicas, mordazes, infelizes – noutro.

Intuíva que talvez conseguisse alguma autenticidade mais vivaz no meio deles, mas, não, não ousaria. Permaneceria entre

a mãe, as irmãs, tias do marido, desviando-se das farpas afiadas que afinal tentavam atingir o que da forma mais cuidadosa tentava esconder de si própria e que, ali, naqueles domingos infernais se aclarava como se a desnudasse: não pertencia. Não fazia parte daquele mundo. Desagradavam-lhe as conversas daquelas mulheres, seus valores, suas ardências dissimuladas.

Pior era quando tinha de se entrever com o séquito das senhoras turcas, amigas da família, as levantinas exageradamente lisongeiras e sorridentes que com voz estridente lhe dirigiam a palavra falsa chamando-na “benzínia”. “Ãh?! Benzina?”, não, querida, é benzinha, tratamento carinhoso distorcido pelo sotaque, explicava-lhe a sogra entredentes.

Se “benzinha” era, para ela, o cimo da frivolidade mais desprezível, “benzínia” lhe chegava quase como xingamento acobertado de doçura. Então se fechava, a bruta flor revelada em si.

Mas o que salvava Aurora, ou talvez fosse adiante, a sua condenação fatal, era alguma inteligência e sua articulação.

Falava com desenvoltura sobre qualquer assunto, o que provocava espanto nuns, inveja noutras, cautela entre os mais experientes, o orgulho do marido, raso mas afetivo, abrutalhado e de pouco raciocínio para perceber que nesse ponto buscava na mulher-estandarte alguma compensação do que em si não havia.

Vinda de estrutura que pouco lhe oferecera, forjara a si mesma na base da observação dos mundos que ansiava. Filha de mãe que desde sempre, no recôndito familiar, a desdenhara e de pai que não tinha amparo algum a lhe estender, fora aprendendo que poderia esculpir-se então pelo conhecimento, pela leitura, por alguma aptidão estética. Mas, definitivamente, o mundo Kóvacs não era o seu, embora verdadeiramente não soubesse a que mundo pertencia.

Sondava-se a si própria e constatava que em criança fora precoce para sobreviver. A adolescência modesta e restritiva, ela não vivera. Escondera-se num sono encantado, a roca premente a lhe desligar da realidade.

Agora, na casa, havia, nesse primeiro tempo, sempre algo a ser harmonizado. Uma mesinha de canto com o respectivo vaso combinadinho pedindo providências. Uma parede nua, sem quadro, *boilers* para ovos que não podiam ser aquecidos sem a sofisticação da porcelana. Nessas miudezas, tentando diligentemente

preencher o que faltava ela seguia e quase se perdia, bastando-se parcamente, gastando tardes inteiras, de loja em loja, sem poder olhar de fato para o centro cada vez mais claro do que realmente ali se figurava como grande ausência.

Mas persistiu nisso: a limpeza metódica da casinha, o sexo fisiológico com o marido, nesse ponto, sem alcance, os almoços a elaborar, livros à espera de leitura, mascates sem fim a visitar em busca da completude exata naquele lar. Até um mal-estar, sono pesado, seu íntimo conhecido de outros tempos, começar a lhe infligir pensamentos estranhos.

Viu-se ornamento ali, enxergou que maiores pedidos, outros quereres que não os decifráveis pelo cartão de crédito, não poderia fazer a Felipe. Deu-se conta de que ao menos naquele íterim da família dele, o seu lugar era o da mulher à espera, orbitando ao redor do fechado universo do homem-guia, homem-intangível.

Coincidência ou não, sorrateiros, entraram pelas (porque sempre as deixamos, sem percebê-las) frestas da casa.

Uma familiazinha de quatro demônios, quatro ratos gordos que empestearam primeiro a cozinha com o rabujo deixado pelas suas orgias noturnas. Depois invadiram o quarto dos presentes ainda fechados de casamento e roeram todas as caixas que viram pela frente. Até chegarem ao quarto, ao closet do casal, e se instalarem aconchegados nos vãos de madeira do armário. Aurora, neste ponto, atordoada: a casa organizada, até então impoluta, fora invadida sem volta pela mundanidade, paraíso em queda. Buscou logo a antiquada roca de fiar que desde o casamento mantivera bem guardada no alto da despensa – coragem lhe faltara, inexplicavelmente, para dar fim ao objeto enfeitado que lhe subtraía tantos anos de vida – e, dedo agora voluntariamente sangrado, enredou-se num sono profundo, de novo bela adormecidamente, letargia de outrora.

La Blanche

La Blanche

Eram seis e vinte da tarde, naquela hora em que as coisas adquirem um tom meio violeta meio marinho, naquele momento de sombras já negras, quando ouvidos mais sensíveis conseguem escutar em deslocamentos certos lamentos numa saudação medrosa à noite.

Pensou numa bala prateada cilíndrica cravada quente de pólvora no peito. Pensou na dor, que não seria menor do que aquela que o acompanhava teimosa da saída de manhã ao retorno pela madrugada à cama. Pensou na curvatura, no arqueamento da existência e ainda, tudo preto, branco, acinzentado, naquilo – uma jia, por exemplo – que vivo não precisava justificar a existência. Riu-se de suas tolas justificativas diárias, se arremetendo, cavando espaço, uma brecha mínima que fosse, para falar, para estar ali, para ao menos ser visto, quem sabe inventariado, no mínimo, entre móveis e... utensílios.

Voltou ao relógio: seis e trinta. Uma boa hora para morrer, sem sol, pensou. Impulso de vômito, gozo, mijo, sangria, merda. A merda toda dentro de si. Ganhar mais, predador, arrebatando com o sócio, com os inimigos, parecer muito mais, coluna social, imenso, tristemente incomensurável, delírios de sexo e poder, o carro, o oásis, a praia, o, a... Engoliu, fechou as pernas. A imagem do pai, uma faixa ininterrupta no de dentro da testa, o pai um escroque numa competição que ele não venceria mas que arbitrariamente só terminaria com tiro mesmo. Confiar então em quem? No, na... Amar quem? O quê? Para quê? E o fim? Quem me garante? Nem eu. Vou e me desmantelo com a cabeça na parede, à meia-noite dessa quinta insana, cidade fervendo em seus meandros, pulsando pelos esgotos, e é deles que trago esse cheiro indistigável de coisa que não vingou. A barriga, o excesso de pelos, essa estatura, o solipsismo, essa solidão mesmo que afugenta tudo e a todos, herança dele, na radial do seu coração, gatilho no dedo.

Mas havia a Branca, que o amortecia de toda dor. Nela ele se estendia e caía fundo sem fim, tornava-se outro, em valentia e voltagem.

A Branca tragara-lhe, insidiosa, mas, absoluta, dois casamentos e o trabalho; começava a imiscuir-se entre familiares que inutilmente tentavam barrar o seu degredo, consumido por esta a quem se devotava muito fiel. A Branca o seduzia ao ponto de ele lhe entregar tudo de si e já começar a buscar ao redor o que faltava para sustentá-la perto e constante. Essa Branca um pó. Uma coisa até meio ridícula para quem não a conhece, aparentemente, poeirinha de nada, brilho, carreira, cocaína – “désespoir agréable”*, diria o outro.

Que ombreava os seus demônios, trazendo-os de certa forma domados para fora, sem resolução. Toda a sua vida, a dele, desenhada no sentido de encontrá-la aos primeiros pesares do entardecer, aos pequenos acenos de uma tristeza muito dolorida que ele não podia sustentar de cara limpa.

Pela manhã, o mau humor, resquícius dela em si, crostas no interior das narinas, a boca azeda, saliva pastosa e esbranquiçada como se rajada de sêmen, pele em supersensibilidade, tudo lhe magoando desproporcionalmente, em sensibilidade – quando ela já não agia mais em seu corpo, a não ser, colateralmente. Erguia-se quase sem forças da cama bagunçada – ele não se lembrava bem dos embates que haviam se dado sobre tais lençóis noite afora – e daí se encaminhava, todo amarrotado, para o emprego de pouco raciocínio, um trabalho que recentemente conseguira, de conferência e envio de papéis, mais mecânico que cerebral, nada criativo, mas que lhe garantia parco sustento para as noites arregaladas de ápices trêmulos, aventuras persecutórias que lhe oferecia a coisa clandestinamente comprada em becos e banheiros públicos muito sórdidos, flor despetalada dos Andes, síntese ameríndia, anestésico, droga do mal.

Que dela ele sempre mais queria, virtuais pernas entreabertas no cimo das quais pudesse chafurdar sem trégua. Que por ela ele mentiria calculadamente e descaradamente manipularia quem quer que fosse, destituído de quaisquer afetos, antigos ou novos, nada mais significavam, aliás, o que ou quem quer que ten-

*Desespero agradável

tasse lhe desviar desse seu caminho que o tragava aos abismos de um mundo sequer existente.

No clímax desses encontros com a Branca tornava-se corpo, somente, visceral, de rebuliços no abdômen, de ânsias refeedas, de infinitos círculos em redor de si mesmo.

Traía a sua querida com outras mulheres, muito eventualmente, com algumas, inclusive se triangulava à Branca, mas, o desvelo mesmo dos seus dias declinados eram os rituais todos para com ela o *tête-à-tête*; incenso no ar, uísque ou cerveja; um pratinho reto e preto, japonês e uma régua muito fina, para enfileirá-la, para reparti-la em grossas carreiras, o tiro, que o engoliria noite adentro, muito ligado, os sentidos apurados, percepção adulterada, nenhuma fome, vídeos de sacanagem pesada, murros no saco de boxe que lhe esfolariam as falanges dos dedos, a boca seca, um gole de qualquer coisa, coração a mil, pensamentos velozes esbarrando na testa, às vezes acocorado, noutras, correndo apressado dentro do apartamento, Tateando a solidez das paredes que pareciam prestes a desabar, espreitando frestas em busca de fermentação de insetos, sons de sirenes nos ouvidos, pratinho preto na mão, ia para debaixo do edredom, cheiro de mijo e cravo no nariz, nhaca de velório, era ele e a sua mortífera amante finalmente exilados, a sós, transbordantes, na cama.

Pecado

Pecado

No mais remoto de si, Teresa disfarçava um mal-estar que não conseguia conter todo.

E se lograva algum represamento desse jorro, violento feito sismo, a coisa transbordava evolvendo-se pelas beiradas.

Tanto fizera e desfizera, tanto, principalmente, não fizera, que agora se via quase só, de verdade. Porque era de mentira que não estivera só, tinha essa clareza para computar. Todas as suas relações parecendo ensaio para a existência solitária de agora, sabendo que o que tinha de real e palpável era a si própria. O corpo, companheiro maltratado de tanto tempo e que não a abandonava nem que ela quisesse; ainda que um dia o tenha desejado e envenenado não o suficiente para despegar-se de si. *Si* que era mais e maior que o seu corpo mero, a impulsioná-la fisicamente à separação dos outros como uma forma de sobrevivência.

A coisa deu claramente suas mostras de início com um ódio rancoroso de tudo e de todos, indistintamente. Foi desgostando de qualquer um, descredida de quaisquer acenos. Assustada, procurou então um desses doutores do impalpável que não medicam, sequer curam, e que lhe disse: o ódio vicia como uma droga que vai devorando sem te matar.

Pouco animada com a destilação que o profissional lhe oferecia, ela o abandonou, para viver equilibrando-se entre furores e breves descansos, o cinzento constante em si às vezes atingindo o seu estado superlativo, o negro, monolítico, impenetrável.

Imaginava que a causa de tudo era uma só, com o nome de Luísa. Era encontrar-se com Luísa, bastava ouvir falar dela para o destempero íntimo lhe inundar toda, um maremoto dentro. Vizinhas, amigas de infância, estudaram nas mesmas turmas, inclusive na faculdade. Juntas teriam ido longe, não fosse o rancor crepuscular de

Teresa se contrapondo sempre ao solar evocado pela presença de Luísa. Teresa era toda dentro. Luísa era escancaradamente fora.

Ganas tinha Teresa, às vezes mãos crispadas, o estômago encharcado de acidez, maxilares tensos e um sorriso permanentemente postiço no rosto – de arrancar os olhos de Luísa.

Não que fossem azuis, não havia beleza evidente neles. Mas o olhar e o que ele irradiava. Eram a amplitude e a profundidade, também a leveza com que por meio deles traduzia as coisas e magnetizava o mundo, a fonte de seu maior desgosto. Dom que não encontrava em si, nem tampouco conseguia forjar, senão por imitações muito toscas que, de tão teatrais, denunciavam-na no exato avesso do que buscava aparentar: não fosse Luísa a abastada da infância, não houvesse me mostrado ela tanto quanto eu não tive, talvez eu não carregasse hoje essa peçonha, coisa autoimune que anda me corroendo por dentro cada vez mais intensamente. Era isso o que ela expressava, sem dizer.

Não conseguia estar longe, porém, para se construir inteira e à parte. Quem as olhasse juntas, juraria amizade certa, fraterna. Mas quem visse de fato, enxergaria as pequeninas fraudulências de Teresa, as suas sabotagens, o parasitismo. Divisaria ainda, velada, rasurada numa generosidade desconcertante, a crueldade de Luísa, que era revide inominado à Teresa.

Esta, Teresa. Aquela, Luísa. Luísa que em seu terno desprezo organizara a entrada de Teresa como médica auxiliar no hospital onde trabalhava, sua direta subordinada, na hierarquia da empresa.

Só não sabia Luísa, pelo menos não tão claramente assim, que Paulo, seu namorado, médico de outro setor, encontrava-se às escondidas com Teresa. Sempre desse jeito, com quase todos os namorados de Luísa. Quase, porque Felipe, o único que se negara aos seus encantos e sedução, foi por Luísa solenemente abandonado ao denunciar a canalhice da amiga. Somente aí Felipe apreendeu a visão do todo e o sentimento que resultou foi o de um incômodo engano. Seria essa então a sinergia de ambas? Uma precisando da outra, assim, doentamente, para existir à revelia dos outros?

Verdade é que quem conseguia tudo de mais concreto na vida mesmo era Luísa. Teresa, o choro contido, um choro antigo que se condensava nos seus gestos, começou a fantasiar a realização de um plano que desenhara quando ainda eram meninas.

No mesmo dia em que Luísa chegara de sua primeira viagem aos Estados Unidos lhe entregando com desdém um ursinho rasgado. Obviamente refugio de seus próprios presentes, coisa imprestável que jogava feito esmola à coleguinha. Teresa sabia que nesse dia saltara para a vida adulta.

Talvez não fosse por acaso o gosto de Teresa por documentários de TV sobre animais selvagens. Na savana, cada qual se ocupando mudamente em cobiçar o naco do outro – a pata de uma novilha, a fatia sangrenta de um antílope agora agonizante no chão rasgada a dentes-de-sabre; o músculo já mordiscado da corça. Não importava se o pedaço de carne já estivesse rodeado de moscas ou coberto de putrefação: competiriam por ele, mesmo que não o comessem ao final da batalha. A constante perspectiva da espreita era o paralelo que havia entre Teresa e Luísa: não se podia calcular de onde o bote, lei do mais forte, então, vigilância.

Em momentos de reserva, à Teresa, Luísa parecia até presentir, como quem diz: guardo o meu quinhão já meio decomposto e azulado, guardo-o do outro que se precipitará ganindo, presas à mostra, para testar-me ao menos a força, e então largar a carne depois pelo caminho.

Assim como de pequenas haviam se decidido a trabalhar juntas em hospital, o ardiloso plano só poderia se desenrolar e dar certo naquele ambiente.

Patologista, ela escolheria nas lâminas o mais robusto e resistente e letal vírus, bactéria, fungo que pudesse encontrar nas centenas de amostras orgânicas que todos os dias chegavam ao laboratório para análises clínicas. Perseverante, procuraria a patologia exata que mataria a amiga em lenta agonia, presente que lhe entregaria num bombom belga, ou num ursinho de pelúcia com um microscópico rasgo, a perfuração de uma agulha hipodérmica. Uma doença que de preferência a deformasse e lhe atingisse os olhos que tão falseados e que lhe devorasse o coração mesquinho.

Poderia levar anos, ela não tinha pressa no gelado do que lhe atravessava o peito. Dar-se conta, no entanto, das atrocidades de que era capaz em pensamentos implicava o refreio de tais impulsos: visualizar as maldades criminosas e silenciosas que poderia perpetrar com a amiga já lhe consumia quase toda a energia, deixando-a fraca demais para o ato real.

Pensamentos então circulares, sem fim e que se diluíam no seu cotidiano por ações menores, insidiosas, como não avisar à amiga distraída, que lhe confiava a agenda e os projetos, de um edital importante de concurso que há anos ela esperava. Esquecer-se de repassar o convite para um congresso fundamental em sua área e, sim, apropriar-se dele. Sutis inconfidências que iam vazando aqui e ali, como quem inadvertida e ingenuamente deixa escapar uma informação, ato falho calculado. Era esse, enfim, o modo de Teresa na sua violência asfíxiada, quase votiva.

Luísa, portanto, o seu totem amado-odiado, sem o qual, Felipe tinha razão, a montagem de ambas até aqui, não faria sentido.

O sonho que não fomos

O sonho que não fomos

Era alto. Não tanto, mas o suficiente para estar dois palmos acima de mim.

Cachos claros e perfeitos emolduravam-lhe o rosto com olhos de aparentemente não ver, de um verde baço, como se fina película o revestisse em proteção; nariz aquilino, traços finos, a boca levemente dura, alguma mágoa em seu contorno.

Perturbador, ele entrou na sala com o atrevimento do sol do meio-dia, acenando-me discreta reverência para logo se encaminhar para o seu não-lugar-ainda no curso já com uma semana de andamento. Reparei no blazer de veludo oliva fazendo composição com o olhar, ombros de uma dignidade toda reta, arrogância, afinal?

Íamos pela disciplina mais temida da área de Exatas, Cálculo Integral, eu muito jubilosa à frente, o poder de decidir, entre o geral, quem se peneiraria à *intelligentsia*, donde portanto advinham bajulações pastosas, em especial dos menos capazes.

Mas, adianto, já andava um tanto cansada de todo o aparato professoral, fugidia da visão de mim mesma – uma fraude? – que se você não se cuida, a coisa deságua nisso mesmo e eu, definitivamente, não havia me cuidado nesse sentido, durante todos os anos de professora universitária que, de tão entranhados em mim, eram a minha própria e talvez única definição de vida.

O rapaz sentado numa carteira de canto bem próxima à porta, a experiência me fazia saber que se tratava de disfarçada estratégia de fuga – ah! Então medo ele tem! Mesmo assim, me observava os movimentos com olhos esfíngicos que nada diziam, vez ou outra abaixava o rosto para anotar qualquer coisa num pequeno bloco, rápidas palavras, mais provavelmente números e suas correlações, afinal, somente o que eu sabia tratar.

Quando de novo erguia o rosto para me atingir com tais factos verdes, eu quase me encolhia, um bocado sem jeito e descobria que o moço alto, tão jovem e sisudo, o corpo de vinte, a alma beirando os oitenta, pós-graduação, me deixava desconcertada. Justo a mim, que seguia pela aposentadoria, e ali somente estava pela aposentadoria, aliás.

Poderia de longe o rapaz enxergar a minha pele cansada? Ouvia-me a gravidade metálica da voz já um tanto desgastada pelo tempo? Decifrava nas minhas palavras denúncia, algum clamor ou lamento íntimo, embora essas, nas aulas eu pouco dissesse, senão para enumerar exatidões, fórmulas, sinais?

Quanto mais eu me encolhia em postura rígida mais no reverso me declarava, austeridade que era contrapeso para então eu não tombar, mais perscrutador e indivisível se fazia aquele olhar. Que, ora pois, era ainda um moleque mal saído dos cueiros, vontade de lhe meter o dedo na cara pela audácia em me desfazer ao mero olhar, incitar a desconstrução daquilo que tão diligentemente eu sedimentara ao longo de tanto tempo.

Corri os olhos pela lista de chamada e pedi que o jovem se apresentasse, afinal, era quem chegava com atraso – havia, eu sabia, reação nessa minha introdução.

Ele muito calmamente olhou em redor e disse o meu nome é Zoroastro – a pressão do riso reprimido de dentro para fora me abateu ferozmente, mas, não convinha vazão à doutora que sou e, ademais, Zoroastro é nome de grandeza intelectual e no umbigo do racionalismo estávamos todos nós, ali. De todo modo, algum ímpeto de vingança o rapaz me provocava e houve, sim, incerto e íntimo regozijo quando flagrei troca de olhares divertidos entre os outros alunos: não perdoariam facilmente um neófito tardio, ainda por cima misterioso, sobretudo, belo. Belíssimo. A perfeição encarnada.

Por que está no curso, Zoroastro?, eu quis saber.

Ele respirou fundo e pausadamente me alvejou:

Por você.

Perdão?, eu desentendi.

O moço respirou fundo, balançou a cabeça:

Digo, pela sua disciplina, a mais disputada, por sua excelência de ensino.

É da escória dos bajuladores, eu começava a delinear. A minha testa, as têmporas pulsavam numa dorzinha que vinha num crescendo.

E de que graduação vem você?

Da Engenharia da Computação.

Pois muito bem, espero então poder ajudá-lo com o que temos aqui para oferecer.

Ele se ajeitou na cadeira e enigmático o verde de novo me penetrou sem pedir licença:

Tenho certeza que sim.

Era sucinto nas frases. A voz grave, macia, baixa tocava reen-trâncias empoeiradas de tão esquecidas em mim. Bem poderia ser do tipo que ama os animais. Ou aquele capaz de, à contrariedade, confiante na mudez dos bichos, se aplicar à iniquidade impunida-de – pauladas nesses mesmos bichinhos amados, quem sabe? Não se saberia. O olhar monolítico e contraditório pouquíssimo falava.

Mas bastou para eu à noitinha chegar mais viva no silêncio escuro da minha casa ordenada, comer umas frutas, castanhas e queijos, enxugar meia garrafa de vinho e ter com quem sonhar. Começar de novo algo que em mim acreditava já extinto.

Réquiem

Réquiem

Um velório frio, de secas lágrimas, o caixão solitário sobre quatro canos cromados no centro do salão. O desamparo estarrecedor da morte.

Morrera velha depois de agonia em UTI, doenças incidindo sobre o corpo gasto, as mãos esparsas e duras de dois dos seus filhos em presença hesitante durante os desencadeamentos hospitalares. Talvez porque não soubera oferecer. Não aprendera em tanta vida que o que se recebe é a medida do que se dá. Talvez mesmo porque pouco houvesse tido em si para doar.

Os outros quatro filhos, corpos ali, pouca vontade, permaneceriam alheios ao funeral e a qualquer sofrimento incidente, distraídos aos cumprimentos aos raros e rápidos visitantes e mais por lembranças hostis.

Laura, a neta de cara raivosa, pensava que sim, a morte desnuda qualquer um, dá noção da vida que se viveu. João racionalizava, pensamentos brutos, que ao meio da sala gelada, em parte pelo corpo frio, o odor nauseabundo, miasma de morto misturado à confusão de flores, centralizada, estava apenas uma carcaça, uma carne inútil já em processo de se desfazer e alma, se ali houvesse, seguia já ao longe.

Ricardo se aproximou do ataúde. Não reconhecia a pessoa que ali jazia, os olhos fechados idos à eternidade, também o perfil não lhe parecia em nada familiar, tampouco aquele tom de pele, a ausência de cor, imóvel como se não fosse a sua mãe, mas o cadáver de outra anciã – que a sua mãe não era aquela velha, ao menos não a que guardava dentro de si: jovem, mais vivaz, ainda que sempre calada. A vida é um absurdo. Crescia-lhe revolta, espanto, algum temor.

Uma nora se achegou mais íntima ao caixão. Observou a inércia, a lamentável mancha de sangue que tomara boa parte do tecido da blusa de gola alta, agora mortalha, e teve a sanha de vilipêndio: dizer à mulher afundada em flores machucadas tudo quanto desejara despejar e não fizera em palavras, mas atos: deixá-la só e catatônica à fome no quarto até o marido chegar e, filho um tanto omissos, nada perceber.

O quanto desejara tal morte, mas, nesse arremate, raiva era o que sobrevinha, já que o ódio alimentado à criatura fazia sentir-se assim tão má e mesquinha, algum remorso que se transmudava em incômodo e que então entornava em agressividade autodirigida: várias vezes saíra daquela sala impregnada de cheiro de flores para se envenenar com cigarros. Vontade mesmo era a de esganar um ali, tal a ruindade dos sentimentos que iam lhe atravessando como estilhaços de espelho. A vítima era, agora e irremediavelmente naquela circunstância, a nora, trancafiada no silêncio malvado daquela velha, quando viva.

A única filha, Karen, quase máscula, somente o cuidado com os cabelos resvalando alguma feminilidade, era toda couraça, o corpo rígido, provavelmente dolorido, nunca se dera com a mãe, a mesma que jamais se dera a ninguém. Não chorou, pouco sentiu pela mãe, aquela mulher ali.

A mulher dos afazeres sem fim. A mulher ostra de mundos oceânicos e cuja vida lhe doera desesperadamente, sempre fechada, indisponível, frígida, quase sem palavras. A mulher antes da mulher, uma pré-mulher que se deixara modelar por marido autoritário. A matrona das grossas pizzas e dos bolos caldeados de chocolate, aos poucos, dos feijões com mínimo sal para não atacar a hipertensão do marido e, por fim, a mulher da cozinha nenhuma, porque andavam reclamando demais da sem-graceza dos seus pratos. A mulher a quem o desejo fora assassinado muito precocemente. Essa morta que poucos impacientes velaram e que logo desceria às gavetas de concreto de um cemitério moderno, desses populosos, guardando nos subterrâneos de cada cripta pelo menos cinquenta desconhecidos, à terra não voltava. Ia ao cimento duro de mausoléu, a retraída que mais morta vivera toda a sua vida anônima, muito em breve esquecida.

Ao terceiro dia, os seis saídos de si se reuniram sem pesares para a partilha das coisinhas que haviam acalentado a sua travessia

cinzenta: máquina de costura, panelas, livros de receitas, os óculos de grau, a cama de negra madeira dos suplícios de submissão que sempre sugeria o seu apagamento. A mesma onde engendrara os seis, desqualificada como um poço oco.

Sete anos antes havia assim enterrado o marido dos maus-tratos verbais, imaginando libertação que não viera, pois os filhos haviam aprendido bem o manejo dos grilhões do degredo, aos quais, tão acostumada, que chegava mesmo a se ofender quando alguém, um neto, uma vizinha, gente pouco habituada a tais horrores, lhe tentava oferecer outra perspectiva.

Que sofrimento é também lugar.

* * *

A plenitude estava em amar, Karen pensava, desmesuradamente, inclusive, enquanto, um ramo de rosas sanguíneas à mão, caminhava devagar pelo calçamento do cemitério centenário, na visita que devia à mãe de quem aparentemente pouco sentira a falta. Um cemitério turístico, necrópole das labirínticas ruas sem saída, seus grandes anjos de alabastro sombreando imensas asas, vasos de cobre azinhavrado, poeira aflitiva, as portadas de ferro deixando à visão ataúdes rombudos sobre toalhas rendadas amarelecidas e rotas pelo abandono.

O silêncio pesado das vozes soterradas naqueles sepulcros imponentes.

Tinha o endereço do túmulo materno num papel, mas se desviava do caminho atenta ao guia turístico explicando que aquele sítio, antes campo santo, servira às hortas de monges moradores de claustros anexos e que ao sol só saíam em nome das verduras, mas, a partir de 1820, o local passara à conformidade de terra reservada às gentes findas. Aos domingos, os antigos montavam piqueniques sob gigantescos gomeros, fícus pontiagudos, em companhia e louvor aos seus mortos.

Karen sentia-se um tanto grotesca na contemplação dessa cultura tumular, os olhos ávidos às suas reentrâncias expostas, curiosidade, nojo, horror, odor que misturava formol a flores apodrecidas no ar. O cheiro exato do perecível e irrevogável da vida ida.

Apalpou-se a si mesma discretamente, tocando braços e coxas para a confirmação da fragilidade da própria carne e constatação óbvia, sempre denegada: acabaria, sim, como a mãe há pouco acabara. O silêncio era ainda mais incômodo, parecendo retumbar as milhares de bocas ali caladas, na quietude eterna, predomínio de tons cinza, o líquen dando a medida macabra de par com as teias de aranha tramadas entre as grades enferrujadas das tumbas abandonadas.

Um engasgo na garganta que se recusava a engolir tal certeza de imobilidade, desamparo e decomposição: o que afinal vale uma vida? Faltava-lhe o ar. Nenhuma alma ali para lhe sacudir e devolver a respiração, um silêncio que parecia convidar à eternidade.

Tonta pela falta de oxigenação, tateou os jazigos em tentativa de apoio e, num deles, que tinha as portas abertas para manutenção – um monumento em mármore de fímbrias azuladas –, mergulhou, buscando apoio. Vitrais coloridos iluminavam numa translucidez mágica o seu interior empoeirado e morrinhento. Karen em desespero se arrastava buscando qualquer saída, já semi-consciente: criança sonâmbula rumo ao quarto materno, e, quanto mais zonza tentava sair do horror que era aquele cenário aparentemente plácido, mais se amortalhava e afundava em movimento circular, descendo as escadarias às profundezas do mausoléu familiar, pelo menos vinte caixões antigos empilhados uns sobre os outros, urnas de cinzas nos cantos, agonia que a enfraquecia e, pouco a pouco, lhe retirava a vida restante.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas Optima e Special Elite.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

